



# **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016*  
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Jercivania Cruz Santos

DIVERSIDADE SEXUAL EM CONTEÚDOS ACADÊMICOS NO ENSINO MÉDIO NA  
REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO DE PALMAS – TO

Palmas – TO

2018

Jercivania Cruz Santos  
DIVERSIDADE SEXUAL EM CONTEÚDOS ACADÊMICOS NO ENSINO MÉDIO NA  
REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO DE PALMAS – TO

Trabalho de conclusão de curso elaborado como requisito parcial para obtenção de título de bacharelado no curso de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof. M.e. Lauriane dos Santos Moreira.

Palmas – TO  
2018

Jercivania Cruz Santos  
DIVERSIDADE SEXUAL EM CONTEÚDOS ACADÊMICOS NO ENSINO MÉDIO NA  
REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO DE PALMAS – TO

Trabalho de conclusão de curso elaborado como requisito parcial para obtenção de título de bacharelado no curso de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof. M.e. Lauriane dos Santos Moreira.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. M.e. Lauriane dos Santos Moreira  
Orientadora  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof. M.e. Muriel Correa Neves Rodrigues  
Co-orientadora  
Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP

---

Prof. M.e. Ruth do Padro Cabral  
Co-orientadora  
Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP

Palmas – TO

2018

## **AGRADECIMENTOS**

Gratidão à Deus por seu meu guia e está comigo sempre em meio aos obstáculos, por me dar forças diante as dificuldades, e por colocar pessoas importantes e especiais nessa minha caminhada. Obrigada Pai.

Aos meus pais pelo apoio, pela colaboração do meu crescimento profissional e pessoal, e por acreditar na realização dos meus sonhos. Obrigada Jercilene e José.

Aos professores pelos grandes ensinamentos, que contribuíram para o meu crescimento neste processo de formação, e que fará parte da minha futura trajetória profissional, e também por me contagiar com essa paixão pela profissão. Obrigada mestres.

Meu obrigado em especial aos professores Hudson e Lauriane, pelas orientações, direcionamentos e conhecimento passados que me guiaram nesse percurso acadêmico. Obrigada mestres orientadores.

Aos amigos que sempre incentivaram e impulsionaram na preparação da minha vida acadêmica, pelo companheirismo e por me acompanharem fazendo dessa etapa da vida ser mais tranquila e leve. Em especial Leudima, Thiago, Keylla, Sara e Maria, vocês são meus presentes. Obrigada amigos irmãos.

Aos colegas do curso pelo incentivo também, pelo companheirismo permitindo compartilhar tanta coisa nesse convívio do dia a dia da vida acadêmica. Obrigada psicólogas.

Ao Ceulp – Ulbra pelo espaço de formação profissional, de suporte e produção de conhecimento.

E por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma direta ou indireta contribuíram pela minha formação.

## RESUMO

O presente trabalho discute a diversidade sexual em conteúdos acadêmicos no ensino médio da rede pública de educação de Palmas – TO. Diante disso, serão apresentados conceitos relacionados com a temática da diversidade sexual, apresentando alguns aspectos, como: adolescência no contemporâneo; psicologia, sexualidade e educação; e o ensino em escolas públicas e diversidade sexual. A diversidade sexual compreende diferentes formas do indivíduo em expressão da sexualidade, na atualidade esse tema é manifestado por comportamentos preconceituosos em suas diversas esferas. A desinformação e a ausência de representações que abrange a diversidade, oportuniza de maneira negativa a instauração de práticas preconceituosas, que segregam as diferenças dentro e fora do contexto escolar. Portanto, essa pesquisa pretendeu levantar legislações que norteassem o ensino da diversidade sexual no ensino médio, assim como, analisar o currículo da instituição pesquisada em referência a abordagem do tema e compreender, a partir da realização de um grupo focal, como o assunto da diversidade sexual é trabalhado com professores do ensino médio em uma instituição de ensino da rede pública de educação de Palmas – TO. Dessa forma, o método do grupo focal consistiu na discussão e debate de ideias e opiniões acerca do objetivo da pesquisa. Foi possível concluir, que as dificuldades e desafios enfrentados pelos educadores em relação a educação sexual, devem-se a ausência de formação e capacitação adequada. Dessa forma, certamente como possível causa é verificado dentro do espaço escolar manifestações preconceituosas, o que gera estigmas, exclusão, e inúmeros conflitos para o adolescente, convertendo-se em um ambiente de risco a saúde de alunos.

**Palavras-Chave:** Adolescência. Diversidade sexual. Educação.

## **ABSTRACT**

The present work discusses the sexual diversity in academic contents in the high school of the public education network of Palmas - TO. Therefore, we will discuss concepts related to the theme of sexual diversity, presenting some aspects, such as: psychology, sexuality and education; adolescence in the contemporary; teaching in public schools and sexual diversity. Sexual diversity comprises different forms of the individual in expression of sexuality, at present this theme is manifested by prejudiced behaviors in its various spheres. Disinformation and the absence of representations that encompass diversity, negatively opts for the establishment of prejudicial practices that segregate differences within and outside the school context. Therefore, this research aimed to raise legislation that guides the teaching of sexual diversity in high school, as well as to analyze the curriculum of the institution researched in reference to the approach of the subject and to understand, from the realization of a focus group, as the subject of diversity sexual education is worked with high school teachers in an educational institution of the public education network of Palmas - TO. Thus, the focus group method consisted of discussing and discussing ideas and opinions about the research objective. It was possible to conclude that the difficulties and challenges faced by educators regarding sexuality education are due to the absence of adequate training and training. In this way, certainly as a possible cause is verified within the school premises biased, which generates stigmas, exclusion, and numerous conflicts for the adolescent, becoming an environment of risk the health of students.

**Keywords:** Adolescence. Sexual diversity. Education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAAE	Certificado de Apresentação para a Avaliação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
DREP	Diretoria Regional de Educação de Palmas – TO
DUHD	Declaração Universal dos Direitos Humanos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTs	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais
OMS	Organização Mundial de Saúde
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
SEPSI	Serviço Escola de Psicologia
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>11</b>
2.1 ADOLESCÊNCIA NO CONTEMPORÂNEO.....	11
2.2 PSICOLOGIA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO.....	14
2.3 ENSINO EM ESCOLAS PÚBLICAS E DIVERSIDADE SEXUAL.....	18
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
3.1 DESENHO DO ESTUDO (TIPO DE ESTUDO).....	23
3.2 OBJETO DE ESTUDO OU POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	23
3.3 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	24
3.4 ASPECTOS ÉTICOS.....	24
3.4.1 Riscos.....	24
3.4.2 Benefícios.....	24
3.4.3 Desfechos.....	<b>24</b>
3.4.3.1 Primário.....	24
3.4.3.2 Secundário.....	25
3.5 VARIÁVEIS.....	25
3.6 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	25
3.7 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO, PROCESSAMENTO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	25
3.8 PROCEDIMENTO.....	26
<b>4 ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A diversidade sexual compreende diferentes formas do indivíduo em expressão da sexualidade. Na atualidade esse tema se manifesta por comportamentos preconceituosos. Como refere-se Imperatori et al. (2008, p. 1), as manifestações de “preconceito, homofobia, desinformação ou desigualdade nas relações de gênero fazem com que a experiência da sexualidade possa converter-se em situações de risco à saúde dos adolescentes”.

A educação por sua vez, segundo Freitag (1980 apud IMPERATORI et al., 2008), torna-se “um importante espaço para a construção da representação da diversidade de práticas e valores sociais, visando à promoção de valores universais, como a tolerância ou os direitos humanos” (p.1).

A Constituição Federal Brasileira (1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (1996), coloca a educação como um direito fundamental de todos e dever do Estado e da família. Apesar disso, esse direito é violado à população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT)<sup>1</sup>, a ocorrência de comportamentos discriminatório resulta em altas taxas de evasão escolar, gerando um contexto de estigmatização. (VIEIRA et. al., 2015). Vieira et. al. (2015), explica que “em razão da total invisibilidade dada ao problema, órgãos governamentais ainda não dispõem de indicadores que possam medir o tamanho estatístico dessa exclusão escolar” (p.1).

Para Coelho e Campos (2015), a sociedade atual ainda é “marcada por significados heteronormativos<sup>2</sup> que regulam os corpos, sexualidade, instituições e discursos” (p. 903), de forma a ignorar e estigmatizar aqueles que fogem o alinhamento das normas sociais existentes (COELHO; CAMPOS, 2015). Para Vieira et al. (2015, p. 2), “falar em uma educação que promova a igualdade de gênero não significa anular as diferenças, mas garantir um espaço democrático, no qual tais diferenças não se desdobram em desigualdades ou marginalizações”.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos - (DUDH), prescreve “que todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos” (DUDH, 1948, apud ROSA, 2015, p. 2). Portanto, Rios (2006) afirma que “desenvolver a ideia de direitos sexuais

---

<sup>1</sup> Nesse estudo foi adotada a sigla LGBT em virtude de a maior parte das referências pesquisadas a utilizarem. Também pelo fato de outras siglas (LGBTTTs, LGBTQ etc) ainda serem criticadas por parte da comunidade que discute a diversidade sexual.

<sup>2</sup> Expressão utilizada para descrever ou identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento padronizado heterossexual (MARTINS et. al, 2010).

na perspectiva dos direitos humanos aponta para a possibilidade do livre exercício responsável da sexualidade” (p. 72).

Ao enfatizar a natureza do presente trabalho, buscou-se compreender a temática da diversidade a partir das suas relações com a educação. Desta forma, entender como o assunto é abordado em séries do ensino médio em uma instituição de ensino da rede pública da cidade de Palmas – TO, a partir da formação de um grupo focal com os educadores.

O grupo focal, baseou-se “na interação entre os participantes e o pesquisador, que objetiva colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos” (LERVOLINO; PELICIONI, 2001, p. 116), conforme o objetivo da pesquisa. Foram convidados professores heterogêneos de primeiro a terceiro ano do ensino médio de uma escola pública da cidade de Palmas - TO, que trabalham na instituição pelo menos há seis meses. Para a realização dessa pesquisa foram utilizados como instrumentos de coletas de dados a entrevista semiestruturada e a observação sistemática.

Para isso, serão discutidos conceitos relacionados com a temática da diversidade sexual, como por exemplo a sexualidade e educação, o ensino em escolas públicas e a diversidade sexual, assuntos que servirão de base para análise dos dados deste trabalho. Assim, teve o intuito de identificar os desafios enfrentados pelos educadores em relação a educação sexual, verificando quais as metodologias adotadas para trabalhar tais conteúdos, bem como promovendo discussões envolvendo a instituição e a sociedade sobre a importância de abordar a diversidade sexual no âmbito escolar.

Considerando assim a necessidade da pesquisa, formulou-se como problema de pesquisa a seguinte pergunta: “De que forma a diversidade sexual é abordada em conteúdos acadêmicos em séries do ensino médio na rede pública de educação de Palmas – TO?. E diante disso estabeleceu-se um objetivo principal, que consiste em compreender como a diversidade sexual é abordada em séries do ensino médio na rede pública de educação de Palmas – TO, a partir de grupo focal com os educadores.

Os objetivos se desdobram levando a objetivos específicos: 1) Levantar legislações que norteiam o ensino da diversidade sexual no ensino médio; 2) Analisar se o currículo da instituição a ser pesquisada prevê o ensino da diversidade sexual; 3) E discutir os dados levantados à luz da psicologia.

Assim, a pesquisa torna-se relevante pois justifica-se ser um tema que necessita de investimentos em discussões na formação inicial e continuada de professores, visto que a escola é um local para isso, de debate, questionamentos e problematizações, a fim de não tornar tabu questões referente a sexualidade, e desvelar significados que excluem e rotulam as diferenças sexuais (COELHO; CAMPOS, 2015). Henriques et. al (2007, p. 54) afirmam que “estudos e estatísticas nacionais comprovam ser a sociedade brasileira fortemente discriminatória contra a população negra (pretos e pardos), contra mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e transexuais (LGBT)”.

A inclusão do debate a respeito da sexualidade nas escolas, é colocada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) na forma de temas transversais, de modo a ser trabalhado por diferentes áreas de conhecimento. A orientação sexual na escola de acordo com os PCNs (1997, p. 28), “deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados”.

Dessa forma, compreende-se o ambiente da escola como um espaço significativo para mudança de valores sociais, tornando-se importante o questionamento, a problematização e a ampliação do conhecimento sobre a sexualidade e suas diferentes formas de expressão (IMPERATORI et. al., 2008), possibilitando um diálogo entre professores e alunos.

A desinformação e a ausência de outras representações que abrange a diversidade sexual, e que vai além da perspectiva biológica da sexualidade, oportuniza de maneira negativa a instauração de práticas preconceituosas em suas diversas esferas, que segregam as diferenças dentro e fora do contexto escolar (IMPERATORI et. al., 2008).

Portanto a discussão dessa temática torna-se fundamental, posto que Coelho e Campos (2015) afirmam que,

É necessário investir em discussões sobre esses temas na formação inicial e continuada de professores, buscando a construção de novos sentidos e práticas que se preocupem com o desvelamento de significados preconceituosos sobre gênero e diversidade sexual (p.893).

Essa pesquisa poderá permitir a compreensão dos sentidos atribuídos pelos professores à diversidade sexual, suas influências e principalmente como são

expressados e abordados nos discursos e práticas escolares (COELHO; CAMPOS, 2015). Assim, poderá trazer benefícios, como maior conhecimento sobre o papel do educador em abordar conteúdos relacionados à diversidade, tendo em vista melhorias nas relações do aluno dentro e fora do contexto escolar, facilitando o processo de aceitação, a fim de minimizar as desigualdades que potencializam as ações preconceituosas. Pois para que cumpra a função de promoção da igualdade de direitos na escola, o respeito à diversidade sexual é imprescindível (ALTMANN, 2013).

Essa pesquisa visa ainda proporcionar discussões intersetoriais, que fomentem ações de incentivo a busca de conhecimentos sobre o assunto e a implantação de medidas que viabilizem a realização de novas pesquisas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Adolescência no contemporâneo

Para analisar e compreender o adolescente contemporâneo, busca-se entender a princípio alguns traços desse mundo contemporâneo, que recebe outras nomeações como pós modernidade, “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001). Para Santos (2004), o indivíduo na condição pós-moderna, ver-se submetido a um ambiente cheio, com informações aleatórias e fracionadas, estímulos desconexos, e com importantes efeitos culturais, sociais e políticos.

Nascimento (2014), analisa Bauman em “O Mal-Estar da pós-modernidade” (1998), para conceituá-la, expõe que a pós modernidade tem:

como referências os problemas “líquidos” das grandes metrópoles, tem o propósito de explicar que a lógica da pós-modernidade - ou seu sentido - é a busca pela liberdade que segue o ritmo das mudanças econômicas, tecnológicas, culturais e políticas. Logo nos deparamos com uma sociedade incerta, incontrolável e assustadora (p. 11).

Fazendo um diálogo com Freud, o autor destaca que enquanto para Freud a civilização moderna é como uma estrutura sólida e segura, permeada por normas, autoridades, padrões e identidades bem definidas, para Bauman, configura em uma modernidade líquida, ou seja, onde tais estruturas encontram-se em desmoronamento, é caracterizada pela insegurança e ao mesmo tempo a falta de liberdade.

De acordo com Lipovetsky (1983 apud CORRÊA, 2013), a sociedade contemporânea, é caracterizada por valores que legitimam o individualismo e o hedonismo como práticas que sedimentam as relações sociais e econômicas. O autor aponta que essa sociedade é hipermoderna, pautada no consumo de bens e informação, onde a coletividade e a universalidade perdem por motivos e ações sociais e individuais.

Contrastando com a modernidade, no qual “tinha-se a coerção, as regras e uma profusão de proibições, hoje (pós-modernidade), temos a hiperestimulação e as possibilidades infinitas de escolhas que o indivíduo deve fazer, por conta própria, para construir sua imagem perante o outro” (ROZA, 2015, p. 15).

Para Coutinho (2009), o adolescente é mediado por essas transferências e ideais culturais do contemporâneo. Segundo a autora, o produto disso é a predominância do acirramento individualista, tornando os ideais de liberdade e

autonomia radicais, e as bases de ideais coletivos dissipados, e ainda a instauração de uma sociedade de consumo.

A adolescência, para o Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef (2011), por diversas razões é difícil defini-la em termos precisos. A instituição reconhece que cada indivíduo vivencia esse período de modo diferente, conforme sua maturidade física, emocional, cognitiva e outras circunstâncias (UNICEF, 2011).

O início da puberdade, que pode ser considerada uma linha de demarcação clara entre infância e adolescência, não resolve a dificuldade de definição. A puberdade ocorre em momentos significativamente diferentes para meninas e meninos, assim como para indivíduos diferentes do mesmo sexo (p. 8).

Coutinho (2005), parte dessa definição, conceitua a adolescência como um “processo relativo a um período particular na vida de um indivíduo, situado entre a infância e a idade adulta” (p. 17). A autora concebe esse período como um trabalho psíquico imposto ao jovem, um conceito construído historicamente que adquire vários desdobramentos.

Dayrell (2003), ressalta a adolescência como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos. Reitera que não se reduz a uma passagem, um tempo que termina, uma fase de crise, de trânsito entre a infância e a vida adulta, ou como a última meta da maturidade.

O autor, observa as variadas formas como cada sociedade em tempos históricos vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade apontada pelo autor “se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões e geográficas, dentre outros aspectos” (p. 42).

Por Aberastury (1983), a adolescência é uma etapa decisiva de um processo de desprendimento. Tal desenvolvimento impõe o temor à perda do conhecido, para o mundo dos adultos a qual não está totalmente preparado, movimentado por contradições, confusões, ambivalências, dores, atritos no meio familiar e circundante. Para a autora, “este quadro é com frequência confundido com crise e estados patológicos, o que alarma o adulto e o leva a buscar soluções equivocadas” (p. 16).

Tem-se constatado que as mudanças aceleradas pelas quais vem passando a sociedade contemporânea afetam tanto os jovens quanto seus responsáveis e os profissionais que trabalham junto a eles, que, muitas vezes, não se sentem preparados para lidar com tais transformações. (COUTINHO, 2015, p. 166).

Knobel (1981) identifica as características da adolescência normal. São elas: busca de si mesmo e da identidade; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; crises religiosas; deslocamento temporal; evolução sexual do autoerotismo à heterossexualidade; atitude social reivindicatória; contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta; separação progressiva dos pais; e constante flutuações do humor.

O adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas. O que configura uma entidade semipatológica que denominei “síndrome normal da adolescência”, que é perturbadora para o mundo adulto, mas necessária, absolutamente necessária, para o adolescente, que neste processo vai estabelecer a sua identidade, sendo este um objetivo fundamental deste momento da vida (KNOBEL, 1981, p. 9).

A estruturação da identidade segundo Outeiral (1994), apesar dela começar “a ser “construída” desde o início da vida do indivíduo, é na adolescência que ela se define, se encaminha para um perfil tornando esta experiência um dos elementos principais do processo adolescente” (p. 71). Houaiss (2004), entende a identidade como um conjunto de características próprias e exclusivas de um indivíduo.

Baseada na teoria psicossocial introduzida por Erik Erikson, Pereira (2005), comenta a crise de identidade na adolescência, ocorrida quando os mesmos percebem o conflito entre os materiais sociais que podem empregar em sua vida e seu desejo ou vocação para usá-los.

Rabello e Passos (s/a), também se referem a teoria de Erikson, mostram que a teoria divide o desenvolvimento humano em fases, chamados Estágios Psicossociais. O estágio em que concebe o período da adolescência, é nomeado de identidade versus confusão de identidade. Os autores explicam que o adolescente constrói seu ego, sua identidade ao longo de todos os estágios, diante disso ele necessita de segurança perante todas as transformações físicas e psicológicas.

Este estágio, todavia, ocorre a confusão de identidade, provocada pela preocupação do adolescente em se encaixar em algum papel social. Blos (1996, p. 5) afirma, “o organismo humano não pode alcançar ou desenvolver um estado psíquico sem influências sistemáticas do mundo externo”. O adolescente identifica-se com um grupo, pessoas e opiniões fazendo com que modifique suas atitudes, remodelando sua personalidade constantemente (RABELLO; PASSOS, s/a).

Além da identificação principalmente com os pais, amigos e personagens, chama a atenção um elemento na construção da identidade, os professores (OUTEIRAL, 1994). O autor afirma que:

Os professores também são pessoas importantes para os adolescentes se identificarem e, neste sentido, têm uma participação essencial no processo. A maioria das pessoas adultas é capaz de lembrar de professores importantes, com os quais se identificou, da mesma forma que daqueles com os quais buscou ser completamente diferente (p. 72).

A confusão de identidade, porém conforme Rabelo e Passos (s/a), pode ter um bom desfecho. Ressaltam que em meio à crise o indivíduo que explorou várias possibilidades, e melhor resolveu suas crises anteriores, mais facilidade terá de alcançar a estabilização de sua identidade, e de ser estável com os outros indivíduos. O desenvolvimento da personalidade, portanto não para na adolescência, “trata-se de um processo que se estende ao longo de todo o ciclo vital, do nascimento até a morte” (PEREIRA, 2005, p. 26).

Assim segundo Pereira (2005), esse processo de desenvolvimento é sobretudo descontínuo, que segue uma direção orientada para a maturidade, bem como um processo de transição, de interação entre o organismo e o ambiente, portanto, modificável pela experiência.

## **2.2 Psicologia, Sexualidade e Educação**

A observação da construção pessoal, social e histórica a respeito da sexualidade é primordial para a compreensão da evolução da sexualidade. Compreender a sexualidade é compreender também o modo como ela se expressa na sociedade.

Coelho e Campos (2015), falam que “muitos significados construídos sócio-historicamente com relação à sexualidade são marcados por uma visão reducionista e biologizante, que desconsidera aspectos históricos-sociais na construção e vivência da sexualidade humana” (p. 896).

Segundo Corrêa (2013), a sexualidade não é um fenômeno estático. Contudo, para o autor consiste em um dispositivo histórico, onde há uma sucessão de maneiras de se expressar e vivencia-la, conforme a determinados períodos histórico. Desse modo, “sendo um “dispositivo histórico” a sexualidade passa a ganhar significação a partir de múltiplos discursos” (CORRÊA, 2013, p. 7).

Discursos estes, variáveis de acordo com o momento histórico e que definem as identidades sociais, incluindo as sexuais e de gênero, estas que constituem os sujeitos e suas relações com a cultura, instituições e com o uso do corpo e dos prazeres (CORRÊA, 2013, p. 7).

Assim sendo, a sexualidade não pode ser concebida como imutável, tanto em termos pessoais como em termos sociais ou históricos (PONTES, 2011). Entretanto, Coelho e Campos (2015) afirmam que “muitos significados são cristalizados histórico-socialmente, se tornando verdades ao longo da história humana” (p. 896).

A visão biologizante para os autores acarreta em interpretações patológicas à sexualidade, classificações e padrões considerados normais, que se transformam em valores compartilhados socialmente, estimulando a segregação e exclusão de desvios e perversões no campo da sexualidade. Louro (2000), coloca que:

As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (s/p).

Contrário as restrições dos pressupostos das ciências biológicas, Quirino e Rocha (2012), defendem “um modelo que considere a sexualidade como o resultado de múltiplos fatores socioculturais, incluindo em seu escopo de análise a perspectiva das relações de gênero de forma transversal” (p. 208).

A sexualidade tem sido centro de tabus, repressões, distorções, que são arraigadas estritamente a genitalidade e reprodução (BEARZOTI, 1993). Na perspectiva psicanalítica freudiana o termo da sexualidade é ampliado, tratando esse fenômeno para além do ato sexual (BEARZOTI, 1993).

Freud (1987, apud AMARAL, 2007), explica a não associação da sexualidade ao sexo e a reprodução, esclarecendo que em fases muito precoces do desenvolvimento a manifestação da sexualidade já está presente.

A sexualidade está presente desde o nascimento até a morte nas relações ações entre as pessoas, ou consigo mesmas, enquanto seres sexuados. A forma de vivenciá-la é que se modifica ao longo da vida. A vivência sexual sempre existiu e vai continuar existindo, mesmo que não seja dividida com o Outro (QUINTELLA; DIETERICH, 1992, p. 9).

Contudo, o fenômeno da sexualidade é marcado por diferentes sentidos ao longo da história, o que permite pensar a sexualidade como construção social e histórica.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) (2007, apud AMARAL, 2007), define como sendo um aspecto do ser humano durante toda sua vida, que abrange o sexo,

as identidades e os papéis de gênero; a orientação sexual, o erotismo, o prazer; a intimidade e a reprodução, e é experimentada e expressada nos pensamentos, nas fantasias, nos desejos, na opinião, nas atitudes, nos valores, nos comportamentos, nas práticas, nos papéis e nos relacionamentos.

Mostra-se que a sexualidade é muito mais abrangente, não se restringe ao sexo. Pontes (2011), reitera que a definir resultaria numa tarefa muito complexa, “dada a importância que assume no contexto da existência humana, surge imbuída num intrincado conjunto de dimensões, problemáticas e disciplinas diversas que se dedicam ao seu estudo” (p. 24).

O autor constata a necessidade de se partir de uma visão que enfatize aspectos como a expressão sexual, a satisfação sexual e o prazer, e não focar somente nos aspectos reprodutivos ou nos riscos da sexualidade. Visto que a sexualidade integra a nossa personalidade, e “é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, cultural, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais” (OMS, 2007 apud AMARAL, 2007, p. 3).

Coelho (2014), compreende que é através dessa perspectiva que contempla o processo histórico cultural, que olhamos para a sexualidade e suas formas de expressão. Com a finalidade de, buscar “o entendimento de significados históricos e sociais que se relacionam principalmente às orientações sexuais e identidades de gênero que fogem à norma da heterossexualidade” (p. 10). Reduzir, portanto, a sexualidade ao padrão heterossexual da sociedade é ao mesmo tempo fomentar preconceitos relacionados a diversidade sexual.

Conforme Coelho e Campos (2015, p. 894):

A sexualidade humana tem sido objeto de estudos e pesquisas em diversas áreas, como Psicologia, Antropologia, Educação, Sociologia e Ciências Médicas, culminando na constituição de um conjunto de conhecimentos produzido social e historicamente pela humanidade sobre a temática.

O resultado da não abordagem dessa temática e sua ênfase estritamente biológica, na reprodução e prevenção, para Pontes (2011), pode “ter um efeito negativo em termos de desenvolvimento psicosssexual com uma vivência da sexualidade marcada pelo medo e culpabilidade” (p. 166).

O desenvolvimento sexual elaborado por Freud, chamado “as fases psicosssexuais”, é classificado em cinco estágios, denominados por estágio oral, anal, fálico, latência e por último o estágio genital (FARIAS; NANTES; AGUIAR, 2015).

Conforme o autor, o desenvolvimento humano se dá a partir das contribuições de cada estágio apresentado, assim fazendo parte do desenvolvimento físico e psicológico, sendo a passagem por essas fases inevitável na vida do ser humano.

Bortolini (2008), enfatiza que as contradições e transformações de paradigmas do comportamento sexual e afetivo na nossa sociedade se dá em todo o corpo social, em diferentes lugares e momentos, na família, no círculo de amigos, na comunidade, no trabalho e na escola. Nesse último âmbito, o da educação, para o autor fica claro a importância de ampliar o debate sobre a sexualidade, pois são fundamentais para a superação de um ambiente homofóbico.

Bortolini (2008) afirma que é preciso estabelecer, portanto um conjunto de ideias de uma educação democrática, pública, inclusiva e que reconheça a diversidade como legítima. Para o autor a diversidade “precisa ser encarada como recurso social para a transformação. Um instrumento, algo essencial para possibilitar o desenvolvimento humano” (p. 686). Uma educação plena, que não tenha como preço suas identidades ignoradas, e a mutilação de seus próprios corpos (BORTOLINI, 2008).

A educação por sua vez segundo Mariuzzo (2003, p. 27), é uma das “instâncias que mais interferem na formação da concepção de sexualidade no indivíduo, tanto em seus aspectos sociais, quanto nas suas particularidades psicológicas”. Coelho e Campos (2015) falam que:

É necessário investir em discussões sobre esses temas na formação inicial e continuada de professores, buscando a construção de novos sentidos e práticas que se preocupem com o desvelamento de significados preconceituosos sobre gênero e diversidade sexual (p. 893).

A educação no que concerne o documento governamental expresso na LDB (1996), estabelece a educação como “dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (p. 1).

Caracteriza-se por abranger “processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996, p. 9).

Nesse sentido, as instituições escolares na perspectiva de construção de uma sociedade democrática assumem os compromissos firmados na legislação,

na tarefa de garantir a formação em habilidades intelectuais e promover o ensino de temas ligados ao exercício da cidadania. (EL-DINE, 2015)

Assim, a educação torna-se um “espaço por excelência para questionamento, contestação e transformação de valores sociais, morais e simbólicos estabelecidos nas sociedades” (IMPERATORI et. al., 2008, p. 8).

A origem da palavra educação, vem dos verbos latinos Educare e Edurece, que quer dizer alimentar, transmitir informação a alguém, extrair, desabrochar, desenvolver algo que está no indivíduo (UCB, 2007). Em português, segundo o dicionário Houaiss (2004), pode ser associada ao desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano, ou conjunto de métodos empregados nesse processo, de instrução e ensino.

Portanto, a escola configura-se ainda qualificada como espaço de cidadania e respeito aos direitos humanos, “lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças” (BRASIL, 2007, p. 9).

Sendo assim, a sexualidade “enquanto conceito, é multidimensional, extremamente permeável ao contexto social, cultural e histórico, mas também um poderoso motor de mudança social, que se encontra em permanente transformação” (PONTES, 2011, p. 36).

### **2.3 Ensino em Escolas Públicas e diversidade sexual**

A LDB (1996), considera o contexto familiar, a convivência humana, o trabalho, as instituições de ensino e pesquisa, os movimentos sociais e organizações da sociedade civil e as manifestações culturais, espaços de ensino e aprendizagem. A educação escolar deverá segundo a lei “vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (p.9). Visando o desenvolvimento do indivíduo não só para a vida escolar como também para a vida social.

Brandão afirma que (2007, p. 7), "ninguém escapa da educação", em diversos espaços e formas nos envolvemos com ela, seja para aprender, para ensinar, aprender-e-ensinar.

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida (p. 10).

Dessa forma, cabe afirmar que o processo educacional não é exclusivo daquele que ensina, não se limita apenas nas escolas, pois ela não é única responsável pela educação. O autor citado acima, confirma que “a educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado” (p. 13).

Essa concepção vem de encontro com a pedagogia moderna citado por Vianna (2006). Ponto de vista que concebe a educação como “uma dimensão maior do que propriamente ensinar e instruir, o que significa dizer que o processo educacional não se esgota com as etapas previstas na legislação” (p. 130).

Com isso, considera-se a educação um processo que está para além da instituição escolar. Assim também como a temática da diversidade sexual, assunto tratado nesse trabalho, pode transcender a matriz curricular, visando a quebra de ideias carregadas de preconceitos, tabus, estereótipos, violência, discriminação e exclusão. Pois ainda segundo Coelho e Campos (2015, p. 898), “vivemos em uma sociedade extremamente marcada por significados heteronormativos que regulam os corpos, sexualidade, instituições e discursos”, de maneira que não reconhece a diversidade sexual legítima.

somente através do reconhecimento dessa diversidade existente em um todo organizado, é possível a compreensão das diferenças (...) surge a necessidade de permitir e possibilitar situações de aprendizagem e interação, de modo que os estudantes desenvolvam as competências sociais necessárias para emancipar-se como sujeitos, levando em conta a diversidade na qual estão inseridos e sendo capazes de dialogar e interagir com ela de forma construtiva (SCHMITT, 2011, p. 59).

Assim, Schmitt aponta a construção de um planejamento e reestruturação das formas de pensar e agir na educação. Envolve a busca por novos conhecimentos, numa perspectiva intercultural das práticas educativas, do interesse, do planejamento, da reflexão sobre a prática, a fim de ultrapassar o paradigma tradicional, descontextualizado, “impossibilitadas de permitir que os estudantes atribuam sentido e significado ao que lhes é proposto, na busca de uma formação autônoma, crítica e criativa” (p. 60), a formar sujeitos capazes de compreender e viver num mundo marcado pela diversidade (SCHMITT, 2011).

Paulo Freire (1996) defende que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (p. 21). O

pedagogo e filósofo brasileiro, defini ainda educação como um processo social constante de criação de conhecimento por meio da ação-reflexão transformadora dos humanos sobre a realidade (COSTA, 2015). Para ele essa seria uma espécie de educação libertadora, ao contrário da dominadora que apenas transfere conhecimento (COSTA, 2015).

A escola é local privilegiado como integrante do processo de formação, e a diversidade sexual componente/conteúdo fundamental para o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes. Visto que Furlani (2009), afirma que temáticas pertencentes à educação sexual são constituintes dos sujeitos e de suas identidades perpassando toda e qualquer relações pessoais.

É preciso trazer a discussão para esse âmbito, evidenciar o caráter histórico da construção da sexualidade. Além do mais, Vieira (2015, p. 2), destaca que discutir “uma educação que promova a igualdade de gênero não significa anular as diferenças percebidas entre as pessoas, mas garantir um espaço democrático, onde tais diferenças não se desdobram em desigualdades, hierarquias ou marginalizações”.

Ao falar sobre sexualidade na escola e suas diferentes expressões, atualmente as práticas educativas estão mais voltadas a perspectiva biológica, e têm dificuldades de contemplar a diversidade sexual (ALTMANN, 2013). Para a autora, educação e diversidade sexual:

está inserida neste contexto de relações de poder instauradas a partir de produções discursivas e não discursivas sobre a sexualidade que, em outros momentos históricos, teve como atenção diferentes temas, como o onanismo, a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), a aids, as relações de gênero, a gravidez (p. 71).

Todavia, elas ainda ocupam os espaços escolares. Esse debate restrito acaba por não proporcionar uma discussão efetiva aos estudantes, “ou, ainda, problematizar de forma mais crítica a discussão da sexualidade para além da prevenção e promoção da saúde” (SANTOS; ARAUJO, 2009, p. 15).

O tema da educação sexual na escola é incorporado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997). São propostos pelos PCNs temas transversais, isto é, questões sociais “da ética, da pluralidade cultural, do meio ambiente, da saúde e da orientação sexual” (p. 15).

Esses temas “pretendem contemplar os temas de interesse específico de uma determinada realidade a serem definidos no âmbito do Estado, da cidade e/ou da

escola” (p. 28), apresentam norteadores a fim da construção de uma democracia e cidadania.

Se atentando a orientação sexual, os PCNs propõem que a escola considere a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, como importante no desenvolvimento e na vida psíquica, manifestando-se desde o nascimento até a morte, e que englobe as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais.

De acordo com os PCN a tarefa do professor na condução do trabalho consiste na transmissão de informações e conhecimentos ligados à sexualidade, bem como no esclarecimento de dúvidas mediante as questões apresentadas, de maneira a manter o respeito e dignidade entre os alunos ao que compete as diferenças de opiniões (EL-DINE, 2015, s/p).

Os parâmetros preconizam temas como doenças sexualmente transmissíveis, virgindade, homossexualidade, preconceito, questões de gênero, gravidez indesejada na adolescência e HIV. Para Altmann (2001), a intensificação da preocupação para a inclusão da temática orientação sexual na escola, está principalmente vinculada com a intenção de prevenir AIDS/DST, e a gravidez entre adolescentes.

Os parâmetros se inscrevem, portanto, em um modelo de educação sexual já presente e marcado pelo domínio da biologia (uma ciência da sexualidade – uma *scientia sexualis*, como dizia Foucault), dentro do qual a discussão da construção social da sexualidade e da diversidade sexual é marginal ou ausente (NARDI, 2008, p. 17).

Esse modelo de educação sexual restrito ao biológico de acordo com Furlani (2016, p. 16), “sempre esteve presente no trabalho da educação sexual na escola, através das aulas de Ciências e de Biologia”. A autora critica o fato da abordagem ser exclusiva de aspectos específicos, implicando em um currículo limitado. Mas, sem deslegitimar o fundamento do enfoque biológico, Furlani deixa destacado a importância desse ponto de vista da saúde sexual.

Pádua, Nascimento e Silva (2013), ressaltam que:

Vários estudos em ciências sociais e humanas têm demonstrado como a sexualidade é historicamente construída, afastando-se dessa forma de uma compreensão essencialista na qual seriam buscadas explicações biológicas para as manifestações sexuais (p. 167).

Os autores explicam que nessa construção histórica sobre a sexualidade, são definidos comportamentos, atitudes e significados como sendo “mais naturais” que as demais, consideradas “normais”.

Resultante a isso Coelho e Campos (2015), esclarecem a necessidade de se investir em espaços de discussões na formação dos professores, “buscando a

construção de novos sentidos e práticas que se preocupem com o desvelamento de significados preconceituosos sobre gênero e diversidade sexual” (p. 893). Assim como, procurar compreender os condicionantes sociais e históricos, pois significados preconceituosos legitimam a discriminação de LGBT nos espaços escolares (COELHO; CAMPOS, 2015).

Todavia, de acordo com Brasil (2007), a formação dos educadores não tem contemplado o debate sobre as discriminações e preconceitos de gênero e de orientação sexual. As dificuldades dos professores frente a esse contexto de abordar a sexualidade e suas diversas formas de vivência, podem pendurar discursos excludentes que ocultam a visibilidade à diversidade sexual como um todo, e instaura práticas de discriminação resultando em atos violentos dentro e fora do contexto escolar.

O número de 62% dos ataques feitos por conhecidos [a homossexuais] mostra uma sociedade ainda preconceituosa e com muita dificuldade em aceitar o diferente. Mas evidencia também o descaso governamental com a educação nas escolas, que falham no ensino ao respeito à diversidade sexual (SUPLICY, 2012, apud ALTMANN, 2013, p. 76).

Diante disso El-Dine (2015, p. s/p) expõe que “a necessidade do preparo do professor para a educação sexual e sexualidade mediante investimentos na formação do profissional durante o ensino superior, na formação continuada e, sobretudo, na incorporação desses conteúdos na estrutura curricular”.

Entretanto os PCNs (1997), reitera que a orientação sexual na escola “ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica sexualidade” (p. 28). E coloca-se na posição de complementar à família, ou seja, responsabilizando a contribuição das instituições familiares, da comunidade e do Estado no que diz respeito a educação sexual.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 DESENHO DO ESTUDO (TIPO DE ESTUDO)**

O estudo teve como objeto a diversidade sexual na educação, com vistas a compreender como o tema da diversidade sexual é abordado em séries do ensino médio na rede pública de educação de Palmas – TO, a partir da realização de um grupo focal com os educadores de uma escola específica.

A pesquisa se caracteriza como aplicada, pois teve por objetivo "gerar conhecimento para a aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos" (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35). Além disso, o objetivo da pesquisa foi exploratório, com o objetivo de "proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses" (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35)

Quanto à natureza da pesquisa teve caráter qualitativo, tratando-se de "aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais" (SILVEIRA; CÓRDOVA 2009, p. 32). A pesquisa foi de campo, que tem "o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos" (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 186).

#### **3.2 OBJETO DE ESTUDO OU POPULAÇÃO E AMOSTRA**

A pesquisa ocorreu dentro da instituição de ensino público, direcionada ao corpo docente do ensino médio, dentro do contexto escolar. Foram ouvidos 9 (nove), de um total de 23, sendo excluídos 3 que não preenchiam os critérios de inclusão, e 14 que não se apresentaram no dia do encontro do grupo focal. Portanto, os 9 professores que estiveram presentes no dia da coleta de dados preencheram os critérios de inclusão da pesquisa e se voluntariaram a participar do grupo.

Ressaltando a natureza qualitativa do estudo, a forma de seleção dessa amostra foi aleatória. O contato se deu por meio de carta de convite (APÊNDICE F) enviada para a escola e os professores informados por meio de panfletos (APÊNDICE G), com anúncios e divulgação do local e horário onde aconteceu o encontro do grupo, e também mediante contato pessoal com os professores em seu local de trabalho.

### 3.3 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola Estadual de Palmas – TO, localizada na Região Sul de Palmas – TO, no dia 3 de abril de 2018.

### 3.4 ASPECTOS ÉTICOS

#### 3.4.1 Riscos

Os riscos que poderiam ser desencadeados foram nas dimensões psíquicas e culturais dos docentes participantes do grupo, pois os conteúdos trabalhados no grupo focal poderiam causar certa ansiedade e um possível constrangimento, mas o que não foi verificado nos encontros. Porém, caso ocorresse algum desses problemas o Núcleo de Atendimento à Comunidade, que faz parte do CEULP/ULBRA ofereceria atendimento psicológico no Serviço Escola de Psicologia (SEPSI).

As identidades dos professores foram preservadas, respeitando a ética tal qual expresso na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS nº 466/12 e suas complementares, assim como foram atendidos os requisitos da Norma Operacional da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP nº 001/13, especialmente, no que se refere à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

#### 3.4.2 Benefícios

Os benefícios podem ser relacionados aos aspectos morais, sociais e culturais dos professores que participaram da pesquisa, tais como: maior conhecimento sobre a função de abordar conteúdos relacionados à diversidade sexual, a fim de proporcionar melhorias nas relações do aluno dentro e fora do contexto escolar facilitando o processo de aceitação, empatia e respeito das diferenças.

#### 3.4.3 Desfechos

##### 3.4.3.1 Primário

Ao finalizar a pesquisa, a perspectiva é que os resultados obtidos sejam de impacto positivo, que proporcionem uma melhora no trabalho dos professores, e assim contribua para um ambiente escolar mais acolhedor, com práticas educacionais inclusivas, onde o público se sinta seguro e respeitado de acordo com perspectiva da diversidade.

### 3.4.3.2 Secundário

Aos participantes da pesquisa, espera-se que eles reflitam sobre o papel do educador na transmissão de conhecimentos relacionados à diversidade sexual, tendo em vista minimizar as desigualdades que potencializam a ações preconceituosas.

O trabalho, indiretamente, pode proporcionar discussões intersetoriais que fomentem ações de incentivo a busca de conhecimentos sobre o assunto e a implantação de medidas que viabilizem a realização de novas pesquisas.

## 3.5 VARIÁVEIS

À princípio a pesquisa visou compreender se a instituição previa em seu currículo de ensino o trabalho com conteúdos relacionados à diversidade sexual, e como os professores são preparados para ministrar aulas relacionadas ao assunto.

Também foi foco identificar os desafios enfrentados por ambas as partes, a escola e o corpo docente, em trabalhar a referida temática, diante da complexidade que a envolve, se existe uma metodologia adotada para facilitar o processo de ensino no que se refere a educação sobre diversidade sexual.

## 3.6 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram convidados professores heterogêneos de primeira a terceira série do ensino médio da instituição pesquisada, que lá trabalham pelo menos há seis meses, tempo de experiência mínima no que se refere a se ambientar acerca da cultura da escola e dos alunos.

Foram considerados critérios de exclusão do estudo: professores de outras séries, professores que não tinha o tempo mínimo de trabalho exigido pela pesquisa.

## 3.7 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO, PROCESSAMENTO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados como instrumentos de coletas de dados a entrevista semiestruturada (APÊNDICE D), observação sistemática (APÊNDICE E), análise de discurso, disparador de pergunta, sala de multimídia, data-show e caixa de som.

Segundo Gerhardt et. al. (2009, p. 65), na entrevista semiestruturada “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo

estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal”.

A observação sistemática, é uma observação passiva do observador, na qual ele “não se integra ao grupo observado, permanecendo de fora. Presencia o fato, mas não participar dele, não se deixa envolver pelas situações, faz mais o papel de espectador” (GERHARDT et. al, 2009, p. 74).

O grupo focal se dá a partir da discussão de um tema, relacionado primeiramente com as questões de investigação que a pesquisa em foco visa responder (LERVOLINO; PELICIONI, 2001), sendo assim, o grupo foi conduzido por uma pergunta investigação, que favoreceu o grupo a mergulhar no objeto central. Após o disparador, que no caso foi o vídeo “Globo Educação: Diversidade Sexual na Escola 04/06/2011 - PARTE 1”, foi feita a pergunta “Devemos discutir diversidade sexual na escola?”.

A análise de discurso, “é uma vertente da linguística que se ocupa em estudar o discurso e como tal, evidencia a relação entre língua, discurso e ideologia” (SILVA; ARAÚJO, 2017, p. 18). Tal análise se dá entre a descrição e a interpretação, essa metodologia permite ao pesquisador utilizar-se da teoria para subsidiar a análise conforme o enfoque da pesquisa observando o objeto (MARQUES, 2011).

O encontro ocorreu em sala multimídia, foi utilizado data-show, caixa de som, além de gravador para registrar o encontro e posteriormente fazer análise das informações obtidas.

### **3.8 PROCEDIMENTO**

A pesquisa iniciou-se após a submissão e aprovação do trabalho no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do CEULP (CEP), sendo aprovado em 23 de abril de 2018, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 83732318.9.0000.5516 (APÊNDICE H).

Primeiramente, a acadêmica entrou em contato com a Diretoria Regional de Educação de Palmas – TO (DREP), apresentando a proposta de pesquisa para o responsável, a fim de autorizar a realização da pesquisa acadêmica na instituição de ensino. Assim, com o assentimento, o primeiro contato com a escola ocorreu com a coordenadora da instituição, e posteriormente com o diretor. Na ocasião foi

apresentada e autorizada a proposta do projeto de pesquisa para ser realizada com os docentes do ensino médio da instituição de ensino. O segundo contato conseqüentemente foi estabelecido com os professores da escola, a fim de informar a respeito do grupo focal, proposta, tema, os objetivos e saber a adesão e interesse dos mesmos.

Na escola foi afixado no mural das salas dos professores um convite para que os mesmos pudessem participar do grupo, informando data, local e horário do encontro, e também mediante contato pessoal com os educadores em seu local de trabalho. Segundo Kind (2004, p. 128), “não há consenso quanto ao número de participantes para um grupo focal”, portanto o grupo foi realizado com todos aqueles que compareceram ao local previsto.

O grupo foi formado então após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C) pelos professores. Assim, a pesquisa foi realizada por meio da formação de um Grupo Focal, baseado “na interação entre os participantes e o pesquisador, objetiva colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos” (LERVOLINO; PELICIONI, 2001, p. 116), conforme o objetivo da pesquisa. Segundo Veiga e Gondim (2001 apud GONDIM, 2003), o grupo focal caracteriza-se “também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos” (p. 151).

O grupo teve a finalidade de promover discussões envolvendo a instituição de ensino pesquisada sobre a importância de promover a diversidade sexual no âmbito escolar no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, com o intuito de compreender como o tema é abordado por professores do ensino médio na rede pública de educação de Palmas – TO.

O local onde o grupo realizou-se foi acessível, silencioso, não movimentado e composto de uma sala climatizada com cadeiras dispostas em círculo. A duração do grupo foi de 1 hora. Durante a realização do grupo estiveram presentes a pesquisadora, a relatora e a observadora.

Para Lervolino e Pelicioni (2001), o pesquisador tem o papel de conduzir o grupo abordando os tópicos de interesse do estudo, de maneira menos diretiva possível, o relator tem o papel de anotar os acontecimentos de maior interesse para a pesquisa, e o observador para auxiliar na observação da comunicação não verbal.

Foi utilizado gravador para registrar a discussão, dando garantia do total sigilo do material obtido, para que os participantes se sentissem seguros de que o material seria utilizado somente para a pesquisa (LERVOLINO; PELICIONI, 2001). Se caso necessário seriam contratados profissionais para realizar a transcrição dos áudios obtidos no grupo (LERVOLINO; PELICIONI, 2001).

A discussão teve como princípio o disparador: o vídeo “Globo Educação: Diversidade Sexual na Escola 04/06/2011 - PARTE 1”, disponível na rede social youtube, link: <https://www.youtube.com/watch?v=CKcFSD-Sx4o>, com 05’43”, que discute questões relacionadas a diversidade sexual, passando por assuntos como a homofobia, a sexualidade, gênero, homossexualidade, a transexualidade e educação. Em seguida foi realizada a pergunta “Devemos discutir diversidade sexual na escola?”.

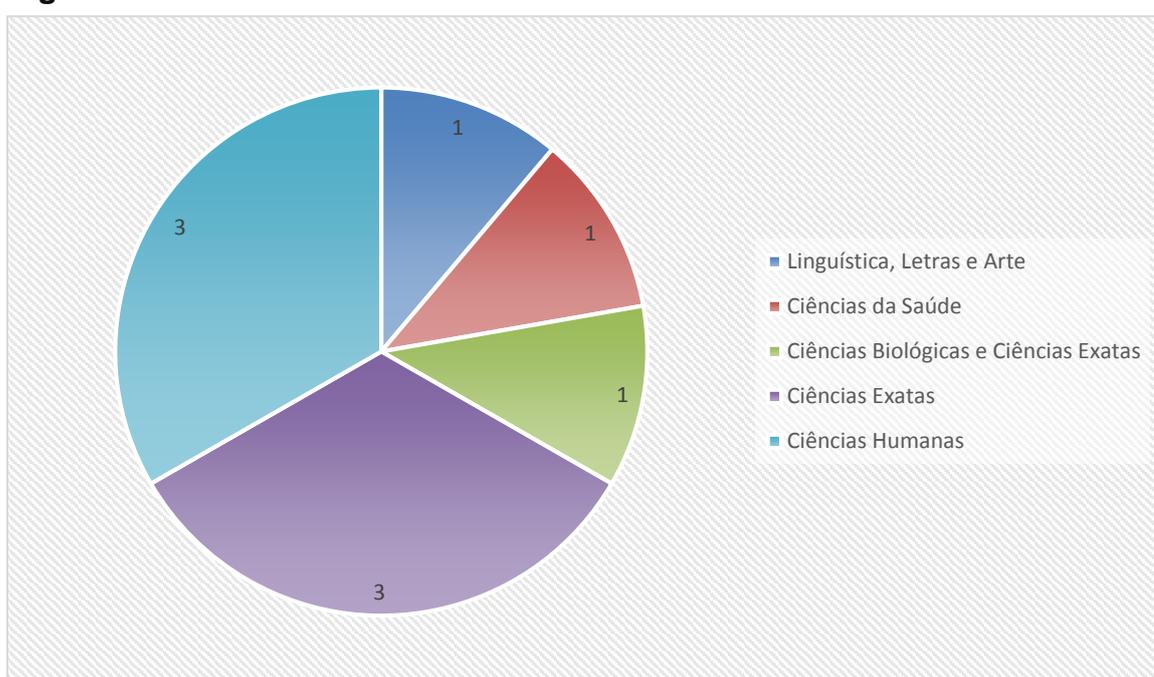
Então, os dados coletados foram analisados a partir do referencial teórico levantado e também organizados pela perspectiva da análise do discurso, que Silva, Araújo (2017) e Marques (2011) discutem.

#### 4 ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os professores que participaram da pesquisa serão melhor apresentados abaixo, a partir dos dados levantados pela entrevista semiestruturada.

De acordo com o perfil geral dos professores participantes da pesquisa, fizeram parte do grupo focal 9 professores, de ambos os sexos, com 30 a 55 anos de idade, sendo distribuídos nas seguintes áreas de conhecimento, conforme a Figura 1:

**Figura 1 – Áreas de Conhecimento**



**Fonte:** Autor

As análises dos dados serão apresentadas e discutidas com base na lógica da análise de discurso dos participantes do grupo focal, conforme proposto pelos autores Silva, Araújo (2017) e Marques (2011), a partir da discussão do tema diversidade sexual em conteúdos escolares. Após a coleta dos dados e informações integradas, foram discriminados temas de discussão que ficaram mais emergentes no grupo, ou seja, que mais apareceram.

Assim, o assunto mais emergente foram os desafios enfrentados pelos professores sobre a temática da diversidade sexual na escola; também foram discutidas questões de a escola ser um contexto de exclusão, discriminação e conflitos; foi abordada a importância de incluir o tema da diversidade sexual no âmbito escolar; e também o papel da família nesse aspecto.

De maneira geral, as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores em relação ao tema da diversidade sexual na escola foi o assunto mais abordado. O cenário, segundo os professores, deve-se a ausência de formação e capacitação adequada para o corpo docente no que se refere a relação de gênero e diversidade sexual. Tais dificuldades relacionam-se a discussão do assunto no contexto escolar, como levá-lo e tratá-lo dentro da sala de aula com a pluralidade de alunos, de valores pessoais/familiares, éticos e religiosos. Essas dificuldades foram debatidas no grupo com grande frequência, desde o primeiro momento, como mostram trechos das falas extraídos do grupo focal:

*“então, é essa dificuldade de como fazer isso ... todos nós fizemos licenciatura, mas visando o conteúdo ... não temos formação”. (P1).*

*“nós somos educadores temos que tentar orientar da melhor maneira possível, mas temos que ter uma base de alguns cursos para gente oferecido”. (P2).*

*“A gente precisaria de amparo ... pessoas que auxiliasse em várias situações que acontecesse na nossa rotina e que foge da nossa sala”. (P3).*

Bonfim (2009) afirma que os professores não recebem formação adequada para desenvolverem ações voltadas no sentido da educação sexual, sentindo-se despreparados para assumirem e trabalharem a diversidade sexual. Segundo Dinis (2008), certamente essa ausência de estudos educacionais do tema da diversidade sexual é causa da “predominância de proposições essencialistas e excludentes nos conceitos utilizados para pensar identidades sexuais e de gênero” (p. 477). No entanto, para a sexualidade ser entendida precisa-se partir da perspectiva que compreende a construção do processo histórico dos modelos sexuais, as suas formas de expressão, os significados históricos e sociais (BONFIM, 2009; COELHO, 2014).

Muitos professores consideram o assunto como difícil e ainda movediço para se trilhar, mas reconhecem que é uma realidade que deve ser vivenciada e compreendida. Para Bortolini (2008), a diversidade sexual deve ser legítima e reconhecida, precisa ser encarada como recurso social importante para a transformação e superação de um ambiente homofóbico. Os relatos seguintes de dois professores ressaltam:

*“Eu vejo que é um assunto que não se tem como fugir da escola pública”. (P1).*

*“E discutir a diversidade na escola acho que é necessário porque faz parte da nossa vida, no nosso cotidiano, está aí, em nossos alunos, colegas,*

*parentes, familiares, temos esse contato o tempo inteiro e a escola é fundamental nisso”. (P3).*

A educação é um direito de todos (BRASIL, 1988), e o contexto escolar por sua vez tem como função garantir um espaço de construção e transmissão de conhecimentos em suas diferentes áreas. Para Imperatori et. al (2008, p. 1), “cabe à escola problematizar, questionar e ampliar seu conhecimento sobre sexualidade”.

Nesse sentido, se é função da escola a transmissão/construção dos conhecimentos científicos elaborados ao longo do tempo pela humanidade, os conhecimentos sobre a sexualidade humana, em todos seus aspectos, que foram construídos pela Ciência, devem ser ensinados e aprendidos na escola, inclusive como um meio de se garantir que o aluno tenha acesso aos conteúdos, reconhecidos por esta Ciência, principalmente, a respeito de sua própria sexualidade. (MARIUZZO, 2003, p. 31).

Esses aspectos são expressos na fala de um professor:

*“É uma realidade vivenciada nos nossos dias, aliás isso é antigo não é de hoje, só que anteriormente não tinha essa manifestação tão pulsante como hoje. Agora o que se observa como isso é levado, conforme é levado ... é uma situação que deve ocorrer ... Professor na sala de aula preparar a turma para esse preparo, essa análise ... todos nós temos liberdade ... de decidir, escolher o que quiser ... agora se essa questão for para a sala de aula para pessoa conhecer as diferenças, que existem pessoas assim, em todas as famílias”. (P1).*

No entanto, para Pedroso e Toffanelli (2016), abordar o tema da diversidade sexual pode gerar conflitos, “com os quais o psicólogo deve colaborar através de esclarecimentos para que esses se resolvam” (p. 28). Segundo os autores, o psicólogo escolar assume um papel importante no desenvolvimento de conceitos acerca de gênero e sexualidade, através da mediação com seus métodos e técnicas.

No que tange a psicologia escolar, refere-se a um campo de atuação profissional, realizando intervenções, tendo por objeto a escola e as relações que se estabelecem nesse contexto, com foco nos fenômenos psicológicos (ANTUNES, 2008). Assim, para Pedroso e Toffanelli (2016), o psicólogo no contexto escolar exerce papel fundamental na identificação dos diversos fatores que colaboram para as dificuldades enfrentadas pelos alunos na escola, buscando junto da comunidade escolar a solução para os problemas, e trabalhando a interação interpessoal dos indivíduos

*“A gente tem que ter mais preparo para poder lidar, e na realidade a instituição mesmo ela tem que ter uma pessoa, um estudioso nessa área, um profissional nessa área para poder ficar conversando, se eu detecto, ou você detecta esse problema em sala digamos assim, essa situação, não é um problema, mas que a gente não vai saber lidar a qualquer momento, mas que a gente vai ter um profissional que vai poder está atendendo e ajudando, auxiliando tanto o professor quanto o aluno”. (P4).*

*“E a gente precisaria de amparo ... pessoas que auxiliassem em várias situações que acontecesse na nossa rotina e que foge da nossa sala ... E é nessas situações que a gente sente falta, dessa pessoa que pode fazer mais do que a gente no dia a dia”. (P3).*

*“Por isso eu acho que deveria ter um profissional norteador”. (P2).*

Entretanto, apesar do reconhecimento da importância do debate, da inclusão do tema no contexto educacional, é notável ainda no grupo de professores a presença de alguns discursos que podem ser vistos como preconceituosos. Ao tratar de uma aluna LGBT, um professor expressa-se: *“dar um lote para ela capinar para ver se ela vai ter tempo para entrar em depressão” (P2)*, se referindo ao fato dessa aluna ter se automutilado, e acrescenta: *“Na minha infância na escola eu não tive tempo para ter depressão” (P2)*. Essa manifestação denota mais ainda a falta de esclarecimento do assunto, no que se refere a diversidade sexual e conflitos vivenciados por alunos LGBT ou que estejam vivenciando outros problemas de ordem emocional.

Coelho e Campos (2015, p. 904) afirmam,

Professores preconceituosos que não conseguem perceber e problematizar seus próprios preconceitos, provavelmente, promoverão a manutenção de práticas e discursos que discriminam, excluem e diminuem LGBT no ambiente escolar.

Conforme abordado acima, os discursos dos professores podem gerar práticas violentas dentro, e também fora da instituição. Tais práticas “contra a população LGBT estão presentes nas diversas esferas de convívio social e constituição de identidades dos indivíduos (KOEHLER, 2013, p. 134).

Para Louro (1997), o contexto escolar, desde o princípio, produz diferenças, distinções e desigualdades, se incumbindo de separar os sujeitos ali presentes pelas práticas que buscam normatização a partir de um sujeito tido como ideal. Logo, ela não está imune ao tratamento discriminatório (MAIA; NAVARRO; MAIA, 2011). Segundo Junqueira (2007), os alunos enfrentam “o estigma e a discriminação sistemática e ostensiva por parte de colegas, professores/as, dirigentes e servidores escolares” (p. 61), isso tudo sendo um reflexo do contexto social fora dos muros da escola. Uma professora fala:

*“Ele [Aluno] disse que poderia qualquer professor, qualquer um da instituição colocar zero [Nota], o que vier, que a maioria [Professores] trata só com discriminação. Então generalizou, eu disse que não é bem assim, a gente foi tentar conversar, aí ele expos o problema”. (P4).*

Portanto, para Coelho e Campos (2015, p. 899), “é preciso investir em esforços que busquem desvelar e problematizar significados e sentidos expressos em piadas,

práticas e discursos, que marginalizam e excluem as sexualidades não heterossexuais”. Esse objeto de análise foi percebido nas seguintes falas:

*“E aí se discute doença, se a pessoa nasceu assim, ou se o indivíduo é fresco mesmo porque quer...”. (P2).*

*“Às vezes eu acho que virou muita moda, os meninos não sabem nem o que quer ... toda menina agora quer ser lésbica”. (P2).*

Para que discursos com esses não se repitam e se perpetuem, Bortolini (2008) coloca a possibilidade do contato dos educadores com o universo da diversidade sexual, como forma de desconstruir estereótipos. Dinis (2008), ainda propõe uma “experimentação de novas formas de linguagem que possam desconstruir estruturas identitárias binárias e excludentes, como homem-mulher e heterossexual-homossexual, produzidas pelo discurso educacional” (p. 477).

O autor defende a inclusão das minorias sexuais e de gênero, preconiza procedimentos que concebem mudanças curriculares, assim como a inclusão de estudos sobre a temática nos cursos de formação de professores, a divulgação das principais produções bibliográficas, o incentivo a novas pesquisas e “utilizar os conteúdos de disciplinas como História ou as Ciências Sociais para apontar a construção histórica da subjetividade em cada cultura” (p. 488).

É observado também no grupo de professores a falta de motivação e interesse para a inclusão da temática no contexto educacional, mostrando não ser relevante.

Exemplos:

*“Problematiza demais as coisas ... quanto mais você discute mais afirma o preconceito ... é muito mimimi por causa de uma coisa que é tão natural ... cada um é de um jeito, então pronto não tem o que discutir, paciência”. (P6).*

*“Eu não tenho paciência de mexer com isso, e nem passar a mão na cabeça, meus filhos foram criados pelo veado [P2 está hipotetizando uma situação] e lá dentro de casa e nem por isso ... cada um segue o quer. Eu digo olha vocês param de ser besta que cada um é veado, é o que quiser”. (P5).*

*“São vários problemas, e se a gente absolver mais essa questão, daqui a pouco nós estamos perdendo o nosso papel que é de mediar conhecimento, para a gente trabalhar a questão social, que são atribuições da família”. (P7).*

A LDB (1996) estabelece a educação como dever da família e do Estado. No art. 3º, a lei assume princípios cruciais da educação, como: a solidariedade humana; a igualdade e garantia de condições ao acesso à escola; a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura e pensamento; o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas; e o respeito à liberdade e apreço à tolerância.

Para El-Dine (2015), ao constituir esses princípios educacionais, é identificado aspectos “que atuam como suporte para a proteção e promoção dos direitos LGBT” (s/p). A autora coloca as instituições escolares no compromisso de não limitar a aprendizagem, mas de contemplar novos elementos, novas realidades, por exemplo as questões da diversidade sexual, “visando que, os direitos firmados em leis nacionais, ou compromissos internacionais sejam concretizados no reconhecimento e respeito à diversidade” (p. 4).

Dessa forma Mariuzzo (2003, p. 30) deixa claro:

A escola deve ser a ponte de transmissão do conhecimento científico, tecnológico e de suas aplicações às demandas individuais e sociais, conhecimento atualizado, produzido nas universidades e nos grandes centros de pesquisa. Este deve chegar até a sala de aula, até o cidadão, o aluno, incutindo nele o princípio da cientificidade, a necessidade em compreender a realidade que o cerca e interferir nela, ética e democraticamente.

Portanto, a escola não é apenas um lugar de ensinar somente as matérias básicas, as questões de gênero por sua vez perpassam por todos e está para além da matriz curricular. Porém é observado professores que se mostram contrários a isso:

*“Nós não damos conta da indisciplina, nós não damos conta de ... e aí pensar na educação de crianças, de alfabetizar até os 8 anos, nós não damos conta de o menino aprender a equação no tempo correto, porque são vários problemas, e se a gente absolver mais essa questão que os colegas já colocaram daqui a pouco nós estamos perdendo o nosso papel, que é de mediar o conhecimento, para a gente trabalhar a questão social, questão da formação, que são de atribuições da família”. (P7).*

*“Vamos supor todo mundo tem a sua vida pessoal aqui, nós estamos aqui [Escola] para fazer o nosso papel ... ninguém sabe, mas aqui dentro eu faço o meu papel, e como aluno eu acho que esse aluno tem que aprender o papel deles e onde eles devem se situar na escola, eles não devem confundir as coisas”. (P2).*

Talvez a postura dos professores esconda preconceito sobre o assunto, ou inabilidade teórica a respeito, ou até mesmo reconhecimento de suas limitações pessoais para lidar com a questão. Admitem os professores:

*“Bom dentro da sala de aula eu acho muito difícil o professor abordar de uma maneira correta, porque é muito ainda tênue entre os nossos dogmas e as vivências que a pessoa tem”. (P2).*

*“Mas eu desconheço até agora, a não se vocês têm uma informação que eu desconheça, uma didática que possa fazer essa ponte, para que nós consigamos ver o outro sem expor a sua pessoa, sem agredir, sem condenar, porque o maior problema é esse, o nosso preconceito que nós construímos se não for trabalhado, nós viramos juízes e determinamos. Então essa dificuldade de como fazer isso ... usando cartilha (?) ... É uma realidade que está aí, uma batata quente assada, mas que não conseguimos segurar, mas ela existe e tem que ser comida essa realidade, tem que ser ingerida”. (P1).*

*“Inclusive tem uma moça...eu não vou citar nomes, mas também não vou expor a pessoa, mas aqui na escola eu não sei como eu chamo ela, eu chamo ela pelo nome, mas será que ela está gostando de chamar ela pelo nome? De ela? Sendo que as vestimentas dela, o comportamento, as amigadas se comporta como uma pessoa masculina”. (P2).*

*“Às vezes nós não temos como fazer para minimizar o impacto a essas pessoas que se declaram diferentes”. (P1).*

*“Outra coisa é que pela falta de conhecimento, de preparação, nós nos tornamos refém disso”. (P7).*

Enquanto isso, o cenário de exclusão e discriminação entre alunos é cada vez mais presente na escola. Professores relatam: *“A gente pega na sala de aula muita discussão e discriminação” (P5)*, e *“o bullying, ele é evidente na escola” (P1)*. As consequências são diversas frente a esse contexto, à vista disso Vieira et. al (2015) enfatizam a garantia de um espaço democrático que promova a igualdade, se faz necessário e de extrema importância, para que as diferenças não se desdobrem em desigualdades, estigmas ou marginalizações.

Conforme Junqueira (2009, p. 49), é considerado “indispensáveis para um novo modelo de cidadania: o reconhecimento da diversidade sexual a partir da ética democrática e dos direitos humanos”. Todavia, Koehler (2013, p. 148) diz:

*Sem políticas públicas gerais, o ambiente escolar tende à manutenção das práticas discriminatórias, desconsiderando de forma irreal que a composição humana se faz pela diversidade, com educadores e professores despreparados para lidar com a temática.*

Portanto, Imperatori et. al (2008) afirmam que a desinformação, a desigualdade, o preconceito, a ausência de representações que abranjam a diversidade sexual “fazem com que a experiência da sexualidade possa converter-se em situações de risco à saúde dos adolescentes” (p. 1), podendo ser física e psicológica. Essa realidade é posta em debate no grupo nos seguintes relatos:

*“Esse ano ele [Aluno] sentiu uma barreira muito forte, tipo que não está tendo mais espaço, ele sente necessidade de sumir, de evaporar, de morrer”. (P4).*

*“A pessoa tenta suicídio uma vez, duas, três vezes, e termina dando cabo na sua própria vida, é o que mais tem, por isso que muitos estão aí pagando, sofrendo, escondendo, fugindo ...ele pode tentar com a vida a qualquer hora, o nível de descontrole emocional que ele está vivenciando é forte demais, é terrível ... Eles se condenam também, ficam sem espaço, aí vem o sofrimento, aí vem a dor, isso é um problema sério”. (P1).*

Koehler (2013, p. 134) define a homofobia “como rejeição, aversão, medo ou ódio irracional aos homossexuais e, por extensão, a todos os que manifestem orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos padrões” normativos da sociedade. A expressão da homofobia acontece cotidianamente desde “violências

físicas, verbais, psicológicas, carregadas de efeitos/consequências sexistas, machistas, misógenas, racistas, transfóbicas, lesbofóbicas e homofóbicas” (KOEHLER, 2013, p. 129).

ser LGBT, infelizmente, ainda configura uma situação de risco. Violações de direitos são cometidas com frequência e por motivações diversas. Porém, frear essas progressões de modo que um LGBT possa sentir cada vez mais segurança em ser quem é, é um compromisso a ser firmado (BRASIL, 2016, p. 4).

Diante dessa opressão, dentre os efeitos negativos da homofobia no adolescente destaca-se o suicídio (BARRIENTOS, 2017). Essa questão do suicídio entre os jovens é uma problemática pública, afirmam Teixeira-Filho e Rondini (2012). Portanto, segundo os autores o problema “necessita de abordagens específicas para a prevenção e de atenção relativas a essa conduta” (p. 651).

O bullying homofóbico dificulta a permanência na escola e reforça ainda mais a evasão escolar. Diversas pesquisas têm mostrado suas consequências, que vão desde a perda de auto-estima e autoconfiança, retraimento, dificuldade de concentração, absenteísmo escolar, fobia da escola, sentimento de culpa e vergonha, depressão, ansiedade, medo de estabelecer relações com estranhos, até as tentativas de suicídio (ROCHA, 2012, p. 187)

Louro (1997) afirma que a discussão sobre gênero, implícita ou explicitamente, está na escola e em qualquer outra instituição social, sendo “impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino” (p. 89). E quando o assunto é a violência em direção à população LGBT se faz “necessário agir em nível educacional, trabalhando com a violência em tal contexto. Deve-se avançar na eliminação da discriminação e do preconceito” (BARRIENTOS, 2017, p. 4). Isso tudo não se trata somente de uma questão de defesa ideológica, mas especialmente de defesa da vida.

Os educadores presenciam a gravidade do problema dentro da escola, mas alguns ainda discutem que não é necessário falar do tema, sendo incoerentes. Dizem:

*“Problematizando demais as coisas, uma coisa que você teria que encarar mais numa boa, é um motivo de ter que discutir, conversar, é tanta coisa que vai indo a pessoa cansa, quanto mais você discute mais afirma o preconceito, quanto mais você fala mais parece que é preconceito, mas parece que é diferente, mas parece que é não é aceito. Daqui uns dias vai ser diferente ser homem, ser mulher, ser hétero vai ser diferente ... “menino respeita como você tem respeito ao branco, gordo, magro, baixo”, são diferenças, é obrigado respeitar, você não é obrigado aceitar, você não é obrigado a ser homossexual ... cada um é de um jeito, então pronto não tem o que discutir, paciência”. (P6).*

*“Eu não tenho paciência de mexer com isso”. (P5).*

No decorrer da discussão os participantes P1, P3 e P4 foram os que mais tiveram a postura de concordar na abordagem do tema. Os que expuseram suas opiniões discordando de maneira explícita foram três professores: P5, P6 e P7. O participante P2 por vezes se contradizia em seu discurso, demonstrando interesse no tema, tratando como importante a ser discutido com os alunos, mas ao mesmo tempo possuía discursos que podem ser vistos como preconceituosos. Apenas 2 participantes não colocaram suas opiniões.

Fica evidente em muitos casos a angústia de muitos educadores, que se sentem incomodados ou com dificuldades em lidar com a diversidade sexual, ao mesmo tempo em que demonstram um interesse grande em não desrespeitar ou agredir quem quer que seja, embora não saibam exatamente como fazer isso (BORTOLINI, 2008, p. 685).

A presença de contradições no debate pode ser visualizada a partir dos seguintes discursos, de uma mesma pessoa, demonstrando que, de fato, a temática abordada não é confortável:

*“Mas acho que era válido sim os educadores pensarem em alguma coisa para amenizar essa situação”. (P2).*

*“Às vezes eu acho que virou muita moda, os meninos não sabem nem o que quer, eles nem sabe o que vão fazer ... toda menina agora quer ser lésbica”. (P2).*

*“Existe o preconceito e dentro do preconceito tem que trabalhar mais de forma benévola possível né, da melhor maneira possível para gente não acabar causando traumas no indivíduo”. (P2).*

*“Vamos supor todo mundo tem a sua vida pessoal aqui, nós estamos aqui [Escola] para fazer o nosso papel ... ninguém sabe, mas aqui dentro eu faço o meu papel, e como aluno eu acho que esse aluno tem que aprender o papel deles e onde eles devem se situar na escola, eles não devem confundir as coisas”. (P2).*

Pedroso e Toffanelli (2016) destacam mais uma vez o papel do psicólogo escolar e dos educadores, para que esses profissionais “estejam atentos a reprodução de comportamentos preconceituosos, os quais podem gerar atos de discriminação” (p. 28). Os professores comentam:

*“Eu vejo o quanto eles mesmos não se respeitam, o quanto eles dizem palavras ofensivas com eles mesmos ... Eu fico observando os comentários que eles tratam, são coisas pesadas” (P7).*

*“A gente pega na sala de aula muita discussão e discriminação” (P5),*

Porém, ainda colocam-se eximidos da responsabilidade de discutir tais aspectos. Dizem:

*“porque são vários problemas, e se a gente absorver mais essa questão que os colegas já colocaram daqui a pouco nós estamos perdendo o nosso papel,*

*que é de mediar o conhecimento, para a gente trabalhar a questão social, questão da formação, que são de atribuições da família”. (P7).*

*“Eu digo gente cada um é o quer, eu não tenho paciência de mexer com isso, e nem passar a mão na cabeça”. (P5).*

É importante destacar que a discussão da sexualidade ocorre em âmbito coletivo, e não individual, dando-se também por meio da contribuição e responsabilidade das relações familiares, da comunidade e do Estado (BRASIL, 1997). Na LDB (1996, p. 9) se ressalta que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Em relação ao papel da família, Mariuzzo (2003) coloca a instituição familiar atualmente como despreparada no que diz respeito a educação em questões sexuais, resultando em contextos de discriminação e sofrimento humano, consequência também de uma educação escolar inconsistente. Sobre isto os professores colocam:

*“Só que na família não tem esse apoio”. (P1).*

*“Acho que tem muita coisa que vem de berço”. (P2).*

De acordo com Bonfim (2009, p. 99), “é possível constatar que a família ainda não privilegia um diálogo sobre sexualidade, ou este é pobre ou inexistente; e mesmo nas escolas, o debate é tímido e ocorre voltado para os aspectos biológicos”. Para ele, a educação sexual no que lhe concerne vem de modo a “complementar, enriquecer, levantar questionamentos e contribuir para a formação ética e estética da sexualidade humana” (p. 101). Assim, a família não pode delegar à instituição escolar o papel que lhes cabe, visto ser fundamental na aquisição das primeiras informações associadas à sexualidade, aos valores da vida (BONFIM, 2009).

Porém, isso em maioria, não é o que ocorre. Uma professora expressa uma situação que teve que lidar com um aluno:

*“Infelizmente aconteceu um fato que realmente trata-se desse momento aqui, uma situação bem delicada, eu fiquei com um problemão ali sem saber o que falar na realidade, tentei né falar alguma coisa para tentar amenizar, suavizar porque eu sei que a pessoa as vezes está sofrendo, acabou que até eu sofri, estou sofrendo ... A pessoa expos o problema, se sente renegado em casa demais, então a válvula de escape dele do ano anterior era a escola”. (P4).*

Para os PCNs (1997, p. 304), “no diálogo entre a escola e as famílias, pretende-se que a sexualidade deixe de ser tabu e, ao ser objeto de discussão na escola, possibilite a troca de ideias entre esta e as famílias”.

A orientação dos pais e educadores podem ser cruciais para o bom desenvolvimento da criança e do adolescente, visto que a passagem de um período para outro traz novidades para a vida, e como tudo que é novidade pode assustar, cabe então aos responsáveis saber lidar com algumas situações de forma simples fazendo com que as condições do desenvolvimento sexual e da personalidade das crianças e adolescentes se tornem melhores aproveitadas e seus traumas futuros (FARIAS, NANTES, AGUIAR, 2015, s/p).

Os professores ainda defendem que o seu papel no que tange a diversidade sexual seja a de mediar os conflitos existentes nesse contexto. Explicam:

*“Nós como educadores temos que amenizar os conflitos e tentar tratar da melhor forma possível”. (P2).*

*“Cabe a escola trabalhar essa questão como mediador, como questão de respeito mesmo, respeitar o outro como ele é ... parte do respeito, tentar amenizar algumas situações, não vamos conseguir resolver, mas na tentativa de amenizar”. (P3).*

A questão é a mediação entre professor e aluno, e não tornar o assunto tabu, desmitificar significados preconceituosos e minimizar práticas violentas e discriminatórias. Para Mariuzzo (2003, p. 40), “o professor assume papel profundamente comprometido com o processo de ensino e aprendizagem, no âmbito da sala de aula, pois ele é o *mediador*, que estimula o processo de aprendizagem, em seus alunos”.

A escola é uma forma fundamental de promoção da igualdade de direitos. Para que cumpra esta função, o respeito à diversidade sexual é ali imprescindível, caso contrário, ela instaura práticas discriminatórias e heteronormativas que excluem ou invisibilizam diferenças (ALTMANN, 2013, p. 77).

A sexualidade é uma construção pessoal, social e histórica, é por meio da discussão e defesa do reconhecimento das diferenças sexuais, que a alteração de significados sociais pode seguir na direção do respeito à diversidade sexual (COELHO; CAMPOS, 2015). Essa perspectiva, para Altmann (2013), nem sempre é aceita pela sociedade, “pois, em alguns casos, ela é equivocadamente tida como incentivadora da homossexualidade” (p. 76). Na fala dos professores é possível perceber um discurso que remete a uma culpabilização da homossexualidade:

*“Aqui na escola, principalmente no turno matutino, nós temos uma que está influenciando muito a cabecinha dos alunos, uma discussão para cá, uma discussão para lá, ... Uma menina que já quer num sei o que ... É confusão”. (P5).*

*“Está uma moda que, pelo amor de Deus, toda menina agora quer se lésbica ... Eu não sei se isso é culpa da mídia, porque sempre o meio influencia, né? Não sei...” (P2).*

Logo é identificado notoriamente o não reconhecimento da diversidade sexual. Para Bortolini (2008), fica claro a postura de professores que apontam a homossexualidade como uma “agressão” aos outros, e algo que deve ficar restrito à vida privada. Coelho e Campos (2015, p. 897) afirmam, “significados amplamente difundidos que indicam o que é desvio e o que é normal fortalecem dificuldades no reconhecimento da diversidade sexual enquanto legítima”.

O termo diversidade sexual vem sendo utilizado de uma maneira ampla tanto na área das políticas públicas quanto nos movimentos sociais e da educação. Esta expressão vem se afirmando como opção ao termo diferente ou diverso, e é utilizada no sentido da multiplicidade e da singularidade, buscando assim mostrar que todos e todas fazemos parte da diversidade de expressões de gênero e sexualidade, a qual é constituinte do humano. (NARDI; QUARTIERO, 2012, p. 62).

Portanto, é somente através do reconhecimento das diversidades que é possível a compreensão das diferenças como um todo (SCHMITT, 2011). Esse trabalho no âmbito escolar ainda é insuficiente, o despreparo dos professores no que se refere a sua formação para trabalhar conteúdos ligados à sexualidade é um desafio a ser superado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização do grupo focal e análise dos resultados, fica clara a falta de formação e capacitação adequada dos professores no que tange o ensino da sexualidade e suas diversas formas de expressão.

Essa ausência de conteúdos que abranjam a diversidade sexual gera, dentro e fora do contexto escolar, manifestações preconceituosas, produção e reprodução de estigmas, causando a exclusão, e inúmeros conflitos, convertendo-se em um ambiente de risco à saúde dos alunos, especialmente na esfera emocional.

Essas práticas infelizmente ocorrem com frequência no espaço escolar, pelo que foi possível notar nos discursos dos professores. Marola, Sanches e Cardoso (2011, p. 95) dizem que “a produção e a divulgação de informações sobre sexualidade para adolescentes são precárias e contribuem para disseminar a desinformação”.

Embora o cenário de exclusão seja visível para os professores, o debate e a inclusão da temática da diversidade sexual ainda é vista como não necessária, e por vezes tratada de forma pejorativa, disseminando o preconceito. No entanto, a importância de se discutir diversidade sexual na escola é considerada para alguns professores como necessária, frente às situações vivenciadas por eles, uma vez que o discurso é acompanhado de queixa em relação à dificuldade em lidar com o tema, à formação específica para tratar de sexualidade.

Os PCNs (1997) preconizam que essa “formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de orientação sexual” (p. 303). O investimento nas bases conceituais e pedagógicas dos educadores possibilita ampliar o debate, de forma que reconheça e compreenda toda e qualquer forma de manifestação da sexualidade, sendo fundamental para a superação de um ambiente homofóbico.

Sugere-se como pesquisas futuras realizar investigação com demais professores da instituição escolar pesquisada, incluindo os da educação fundamental, e também o corpo administrativo da escola, pois assim se teria um parâmetro integral dos profissionais dessa instituição, que se influenciam mutuamente, para então planejar estratégias de intervenção frente aos entraves desse cenário escolar em específico. Ademais, também seria importante replicar a pesquisa noutras instituições,

com o objetivo de levantar um perfil das escolas públicas de Palmas – TO acerca da abordagem da diversidade sexual em sala de aula.

Contudo, fica evidente a importância da discussão do tema, fazendo-se necessário no ambiente escolar, posto que a escola é um espaço de aprendizagem e construção de diálogos. Torna-se importante também a inclusão do trabalho do psicólogo nesse contexto da educação enquanto promotor de saúde mental, de modo a realizar intervenções com foco nos fenômenos psicológicos, estes produzidos socialmente, colaborando no desenvolvimento da abordagem sobre a diversidade sexual, dos sentidos e significados atribuídos a sexualidade, e minimizar práticas preconceituosas advindas da desinformação a respeito do assunto.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. (cols). **Adolescência**. Porto Alegre, Artes Médicas. 1983.

ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n. 13, abril, p. 69-82 Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos Rio de Janeiro, Brasil, 2013.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Estudos feministas**. v. 9, n. 2. p.575-585. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/9637/8868>>. Acesso em 02 dez. 2017.

AMARAL, V. L. do. **Psicologia da educação: Sexualidade**. Natal, RN: EDUFRN, 2007. 208 p.

AMARAL, V L. do. **Psicologia da educação: A Psicologia da adolescência**. Natal, RN: EDUFRN, 2007. 208 p.

ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**. v. 12, n. 2. p. 469-475. 2008.

BARRIENTOS, J. "**Preconceito e ódio disparam o processo de suicídio na população LGBT**". IHU On-Line. Edição. Novembro, 2017.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEARZOTI, P. **Sexualidade: Um conceito psicanalítico freudiano**. Campinas: SP, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/24.pdf>>. Acesso em 30 nov. 2017.

BLOS, P. **Transição Adolescente: questões desenvolvimentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BONFIM, C. R. de S. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades**. Campinas, SP. 2009.

BORTOLINI, A. **Diversidade Sexual na Escola**. UFRJ. s/d. 2008.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil**: ano 2013. Secretaria de Direitos Humanos. Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Brasília, Brasil. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde Conselho Nacional de Saúde. **Norma Operacional Nº 001/2013**.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Resolução Nº 466, de dezembro de 2012**.

HENRIQUES, R. et. al. Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer e superar preconceitos. **Cadernos SECAD 4**. Ministério da Educação, 2007.

Disponível em:

<[http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib\\_cad4\\_gen\\_div\\_prec.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad4_gen_div_prec.pdf)> Acesso em 06 out. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em:

<[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf?sequence=1](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf?sequence=1)>. Acesso em 05 dez. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997. 146p.

BRASIL. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 10 ed. - Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 46 p. - (Série legislação; n. 130).

COELHO, L. J; CAMPOS, L. M. L. Diversidade sexual e ensino de ciências buscando sentidos. **Ciência Educação**, Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

COELHO. **DIVERSIDADE SEXUAL E ENSINO DE CIÊNCIAS: BUSCANDO SENTIDOS**. 2014. 160 p. Bauru - SP, 2014.

CORRÊA, G. F. P. **Corpo e Sexualidade na Contemporaneidade**. III Simpósio Internacional de Educação Sexual. Maringá - PR, 2013.

COSTA, J. J. S. da. A educação segundo Paulo Freire: Uma primeira análise filosófica. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**. v. VII, n. 18, 2015.

COUTINHO, L. G. O adolescente e a educação no contemporâneo: o que a psicanálise tem a dizer. **Cad. Psicanál.** CPRJ, Rio de Janeiro v. 37, n. 33, p. 155-174. 2015.

COUTINHO, L. G. Adolescência, cultura contemporânea e educação. **Estilos da Clínica.** v. XIV, n. 27, p. 134-149. 2009.

COUTINHO, L. G. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. **Revista de psicanálise.** Porto Alegre, ano XVII, n. 181, p. 13-19. 2005.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação.** Minas Gerais, n. 24, p. 40-52. 2003.

DINIS, N. F. EDUCAÇÃO, RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL. **Educação & Sociedade.** v. 29, n. 103. p. 477-492. Campinas, Brasil. 2008.

EL-DINE, L. P. Z. **Diversidade Sexual na Escola e Direitos Humanos.** 2015.

FARIAS, T. M. da S.; NANTES, E. da S.; AGUIAR, S. M. **Fases Psicosexuais Freudianas.** IV Simpósio Internacional de Educação Sexual. UEM, 2015. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>> Acesso em 24 out. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula:** relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. Disponível em: biblioteca virtual.

FURLANI, J. **Encarar o desafio da educação sexual na escola.** In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade. Curitiba: SEED, 2009.

GERHARDT, T. E. et. al. **Estrutura do Projeto de Pesquisa.** In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de Pesquisa. UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap. 4.

GLOBO EDUCAÇÃO. Diversidade Sexual na Escola. **Youtube**, 04 jun. 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CKcFSD-Sx4o>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

GONDIM, S. M. G. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa:** desafios metodológicos. Paidéia, 2013, v. 12, n. 24. 149-161.

HESS, E. **A sexualidade na educação global:** orientações para pais e mestres. São Paulo: Paulinas. 1986.

HOUAISS. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2 ed. rev. e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

IMPERATORI, T. et. al. **Qual diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros?**. Fazendo Gênero 8 - Seminário Internacional Fazendo Gênero - Corpo, Violência e Poder - UFSC. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

JUNQUEIRA, R. D. **Homofobia nas Escolas**: um problema de todos. In. JUNQUEIRA, R. D. (Orgs). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

JUNQUEIRA, R. D. **O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar**. In: RIBEIRO, P. R. C. et. al, (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

KNOBEL, M. **Introdução**. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.

KNOBEL, M. **A síndrome da adolescência normal**. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre, Arte Médicas, 1981. Cap. 2.

KOEHLER. S. M. F. **HOMOFOBIA, CULTURA E VIOLÊNCIAS: A DESINFORMAÇÃO SOCIAL**. **Interacções**. n. 26, p. 129-151. São Paulo. 2013.

LERVOLINO; PELICIONI. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enf. USO**. v. 35, n. 2, p. 115-121, jun. 2001

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Pedagogias da Sexualidade**. In: LOURO, G. L. (orgs). **O CORPO EDUCADO: Pedagogias da sexualidade**. 2ª Edição, Autêntica. Belo Horizonte, 2000. Cap. 1. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1>>. Acesso em 30 set. 2017.

MAIA, A. C. B.; NAVARRO, C.; MAIA, A. F. **Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental**. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 32, 1º sem. de 2011.

MARCONI, M.de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIUZZO, T. **Formação de professores em orientação sexual**: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas. Bauru: 2003. 229 p. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90971/mariuzzo\\_t\\_me\\_bauru.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90971/mariuzzo_t_me_bauru.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em 05 out. 2017.

MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psic. da Ed.** n. 33. pp. 95-118. São Paulo. 2011

MARQUES, W. Metodologia de Pesquisa em Análise do Discurso Face aos Novos Suportes Midiáticos. **Domínios de Linguagem - Revista Eletrônica de Linguística**. v. 5, n. 1. p. 58-73. 2011.

MARTINS, F. et. al, (Orgs). **Manual de comunicação LGBT**. ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. 2010.

NARDI, H; QUARTIERO, E. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**. n.11, p. 59-87. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sexs/n11/a04n11.pdf>>. Acesso em 01 mai. 2018.

NARDI, H. C. O estatuto da diversidade sexual nas políticas de educação no brasil e na França: a comparação como ferramenta de desnaturalização do cotidiano de pesquisa. **Psicologia & Sociedade**, vol. 20, p. 12-23 Associação Brasileira de Psicologia Social Minas Gerais, Brasil, 2008.

NASCIMENTO, M. L. do. **Do mal-estar em Freud ao mal-estar em Bauman**. João Pessoa/UFPB/PPGF, 2014. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/5673/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em 30 nov. 2017.

OUTEIRAL, J. O. **Adolescer**: Estudos Sobre Adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

PÁDUA, G. L. D. de; NASCIMENTO, P. F. G. do; SILVA, R. A. Sexualidade e identidade no cotidiano escolar. In: PÁDUA, G. L. D. de et.al. **Pedagogia Social**. Curitiba: InterSaberes, 2013. Disponível em: biblioteca virtual.

PEDROSO, B. M.; TOFFANELLI, A. C. SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: AS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO INSERIDO NO COTIDIANO ESCOLAR. **Revista Iniciare**. v. 1, n. 1, p. 18-32. Campo Mourão. 2016.

PEREIRA, A. C. A. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo: HARBRA, 2005.

PONTES, A. F. **SEXUALIDADE: VAMOS CONVERSAR SOBRE ISSO?** Promoção do Desenvolvimento Psicossocial na Adolescência: Implementação e Avaliação de um Programa de Intervenção em Meio Escolar. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. 2011.

QUINTELLA, A; DIETERICH, D. **Sexualidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

QUIRINO, G. da S.; ROCHA, J. B. T. da. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**. Curitiba: UFPR n. 43, p. 205-224. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602012000100014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000100014)> Acesso em 24 out. 2017.

RABELLO, E.T.; PASSOS, J. S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. s/a. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>> Acesso em 20 out. 2017.

RIOS, R. R. PARA UM DIREITO DEMOCRÁTICO DA SEXUALIDADE. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 12, n. 26, p. 71-100, jul./dez. 2006.

ROCHA, J. D. T. **Juventude LGBT e bullying homofóbico nas instituições educacionais**: relatos e debates de experiências no Tocantins. In: IRINEU, B. A.; FROEMMING, C. N. (orgs). *Gêneros, Sexualidade e Direitos: Construindo Políticas de Enfrentamento ao Sexismo e a Homofobia*. Palmas, 2012. Cap 2.

ROSA, A. E. M. P. **A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e a liberdade de orientação sexual**: interpretação do caso brasileiro. I Seminário Internacional de Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Porto Alegre | Set. 2015.

ROZA, F. O. da. **A vergonha e a juventude: sexualidade e pós-modernidade no cinema contemporâneo**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/135430/000987850.pdf?sequence=1>>. Acesso em 30 nov. 2017.

SCHMITT, M. A. Ação-Reflexão-Ação: A Prática Reflexiva como elemento transformador do cotidiano educativo. **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo, RS, v. 25, 2011.

SANTOS, D. B C. dos S.; ARAUJO, D. C. de. **Sexualidades e gêneros**: questões introdutórias. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. *Sexualidade*. Curitiba: SEED, 2009.

SANTOS, J. F. dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004. Disponível em: <<http://docs12.minhateca.com.br/723598818,BR,0,0,O-que-%C3%A9-P%C3%B3s-Moderno---Jair-Ferreira-dos-Santos.PDF>> Acesso em 10 out. 2017.

SILVA, J. C. da; ARAÚJO, A. D. de. A metodologia de pesquisa em análise do discurso. **Grau Zero - Revista de Crítica Cultural**. v. 5, n. 1. 2017.

SILVEIRA, D. T; CÓRDOVA, F. P. **A Pesquisa Científica**. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de Pesquisa. UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap. 2.

TEIXEIRA-FILHO, F. S.; RONDINI, C. A. **Ideações e Tentativas de Suicídio em Adolescentes com Práticas Sexuais Hetero e Homoeróticas**. Saúde Soc. São Paulo, v.21, n.3, p.651-667, 2012.

UCB. Universidade Castelo Branco. **História da Educação**. Rio de Janeiro: UCB, 2007. 40 p. Disponível em:<[http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/Historia\\_da\\_Educacao\\_I](http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/Historia_da_Educacao_I)> Acesso em 26 set. 2017.

UNICEF. **Situação Mundial da Infância 2011: Adolescência uma fase de oportunidades**. New York, USA, 2011.

VIANNA, C. E. S. **Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira**. ano 3, nº 4, 2º semestre de 2006.

VIEIRA et al. **Gênero e diversidade sexual nas escolas: uma questão de direitos humanos**. **Carta Capital**. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/genero-e-diversidade-sexual-nas-escolas-uma-questao-de-direitos-humanos-6727.html>>. Acesso em 11 nov. 2017.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Declaração de Instituição Participante

**Escola Estadual xxxxx**  
**DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE**

Eu, \_\_\_\_\_ assinado, responsável pela instituição \_\_\_\_\_, participante no projeto de pesquisa intitulado: “Diversidade sexual em conteúdos acadêmicos no ensino médio na rede pública de educação de Palmas – TO”, que está sendo proposto pela pesquisadora Lauriane dos Santos Moreira, vinculada ao Centro Universitário Luterano de Palmas, declaro ter lido e concordar com a proposta de pesquisa, bem como conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Norma Operacional CONEP 001/13, a Resolução CNS 466/2012 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidade e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes, dispondo de infraestrutura necessária, para a garantia a realização das ações previstas no referido projeto, visando à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

Palmas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura e carimbo do responsável institucional

## APÊNDICE B - Declaração do Pesquisador Responsável

**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016*  
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

**DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

Eu, Lauriane dos Santos Moreira, abaixo assinado, pesquisadora responsável envolvida no projeto intitulado: “Diversidade sexual em conteúdos acadêmicos no ensino médio da rede pública de educação de Palmas – TO”, **DECLARO** estar ciente de todos os detalhes inerentes a pesquisa e **COMPROMETO-ME** a acompanhar todo o processo, prezando pela ética tal qual exposto na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS nº 466/12 e suas complementares, assim como atender os requisitos da Norma Operacional da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP nº 001/13, especialmente, no que se refere à integridade e proteção dos participantes da pesquisa. **COMPROMETO-ME** também à anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais. Por fim, **ASSEGURO** que os benefícios resultantes do projeto retornarão aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa.

Palmas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Nome completo e por extenso  
Prof. M.e. Lauriane dos Santos Moreira  
Orientadora  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE – N. \_\_\_\_\_**

Você está sendo convidado (a) para participar, de modo voluntário, de uma pesquisa. Abaixo serão esclarecidos detalhes sobre ela e se você tiver interesse em participar deverá assinar o campo em que se pede seu nome, em duas vias iguais, sendo que uma delas fica com você. Caso você não queira participar, não sofrerá nenhum tipo de penalidade por isso. Se tiver qualquer dúvida sobre a pesquisa, poderá procurar a Pesquisadora-Responsável Lauriane dos Santos Moreira pelo telefone (63) 3219-8068 e também o Comitê de Ética do Centro Universitário Luterano de Palmas pelo telefone 3219-8076. A pesquisa segue a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito da mesma, que fui devidamente esclarecido sobre o Projeto de Pesquisa intitulado: **“Diversidade sexual em conteúdos acadêmicos no Ensino Médio na rede pública de educação de Palmas – TO”**, desenvolvido pela Pesquisadora-Responsável **Lauriane dos Santos Moreira**.

Identificação do Sujeito da Pesquisa		
Nome:	Data de Nascimento:	Sexo:
Nacionalidade:	Estado Civil:	Profissão:
Endereço:		Telefone:

Identificação do (a) Pesquisador (a) Responsável	
Nome: Lauriane dos Santos Moreira	Telefone: (63) 3219-8068
Profissão: Psicóloga	Registro no Conselho: CRP 23/356

Email: lauriane@ceulp.edu.br	Endereço Profissional: Centro Universitário Luterano de Palmas, Coordenação de Psicologia, Av. Teotônio Segurado, 1501 Sul, CEP.: 77.019-900, Palmas – TO.
------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Eu, sujeito da pesquisa, após receber informações sobre a pesquisa, concordo em participar de livre e espontânea vontade como voluntário (a) e estou ciente:

- I. **Dos objetivos da pesquisa:** compreender como a diversidade sexual é abordada em séries do ensino médio na rede pública de educação de Palmas – TO, a partir de grupo focal com os educadores.
- II. **Do objetivo da minha participação:** expor minha opinião a respeito do ensino da diversidade sexual no ensino médio;
- III. **Dos procedimentos para coleta de dados:** serão utilizados como instrumentos de coletas de dados a entrevista semiestruturada, observação sistemática, disparador de pergunta, a partir da realização de um grupo focal, para as quais será utilizada a gravação em áudio.
- IV. **Da utilização das informações coletadas:** os dados coletados ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável, sendo que os áudios estarão a minha disposição para que eu possa ouvi-los, caso deseje, bem como se quiser modificar meus depoimentos. Os dados coletados, após análise, serão arquivados sob responsabilidade da pesquisadora responsável por cinco anos.
- V. **Dos riscos:** Os riscos podem acontecer nas dimensões psíquicas e culturais dos docentes participantes do grupo. Os conteúdos trabalhos pela estrutura do grupo focal e pelo tema podem causar certa ansiedade e um possível constrangimento. Porém caso ocorra algum desses problemas o Núcleo de Atendimento a Comunidade, que faz parte do Ceulp-Ulbra oferecerá atendimento nos serviços de psicologia para auxílio psicológico e demais aspectos que forem necessários.

As identidades dos participantes da pesquisa serão preservadas respeitando a ética tal qual expresso na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS nº 466/12 e suas complementares, assim como atender os requisitos da Norma Operacional da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP nº

001/13, especialmente, no que se refere à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

- VI. **Dos benefícios:** Os benefícios podem ser relacionados aos aspectos morais, sociais e culturais dos professores que participaram da pesquisa, tais como: maior conhecimento sobre a função de abordar conteúdos relacionados à diversidade sexual, a fim de proporcionar melhorias nas relações do aluno dentro e fora do contexto escolar facilitando o processo de aceitação, empatia e respeito das diferenças.
- VII. **Custos da participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos:** a participação no estudo não acarretará custos e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Caso o participante se sinta prejudicado comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial será ressarcido pela pesquisadora.
- VIII. **Da liberdade de recusar, desistir e retirar meu consentimento:** tenho toda a liberdade de desistir de participar dessa pesquisa a qualquer tempo, sem que isso me acarrete penalidades de qualquer natureza.
- IX. **Da garantia do sigilo e da privacidade:** os resultados desse alcançados por essa pesquisa serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas desde que seja resguardada minha identidade.
- X. **Da garantia de esclarecimentos e informações a qualquer tempo:** posso esclarecer minhas dúvidas sobre a pesquisa a qualquer tempo e para isso sei que posso consultar a pesquisadora responsável.

---

Assinatura do Sujeito Participante

---

**Jercivania Cruz Santos**

Assinatura da Acadêmica Pesquisadora

---

**Prof. M.e. Lauriane dos Santos Moreira**

Assinatura do pesquisador responsável

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas –  
CEPCEULP**

Endereço: Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul Palmas – TO CEP 77.018-900

Telefone: (63) 3219-8076

E-mail: [etica@ceulp.edu.br](mailto:etica@ceulp.edu.br)

Assim, DECLARO que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador, ter lido este Termo e ter entendido o que me foi explicado oralmente e devidamente apresentado neste documento, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa rubricando todas as filhas deste Termo e assinando a última.

Palmas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Assinatura do Sujeito Participante

## APÊNDICE D – Entrevista Semiestruturada

### **ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

#### Informações básicas dos participantes

- Nome
- Idade
- Sexo
- Graduação
- Há quanto tempo na docência
- Há quanto tempo nessa instituição
- Disciplinas que ministra na instituição?
- Há quanto tempo ministra tais disciplinas?

Apresentação do vídeo “Globo Educação: Diversidade Sexual na Escola”, que discute temas como homofobia, sexualidade, gênero, homossexualidade, transexualidade, preconceito e educação, seguido das perguntas:

1. Você já teve contato anteriormente com esse vídeo? Onde?
2. De acordo com o vídeo assistido, “Devemos discutir diversidade sexual na escola?”

## APÊNDICE E – Roteiro de Observação

### **ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO**

- Observação das habilidades dos participantes na apresentação de ideias;
- Pertinência dos discursos apresentados em relação ao tema proposto;
- Desempenho do participante em discutir o tema;

## APÊNDICE F - Carta Convite

**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016*  
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Palmas, 07 de fevereiro de 2018

Prezados,

Venho por meio desta solicitar a liberação para o desenvolvimento da pesquisa que versa sobre Diversidade Sexual em conteúdos acadêmicos no Ensino Médio da Rede Pública de Educação de Palmas – TO na Escola xxxxxxxxxxxxxxxxx. A pesquisa em questão é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia do CEULP, e será realizado pela acadêmica Jercivania Cruz Santos com orientação da Prof. Me. Lauriane dos Santos Moreira. A metodologia será a do Grupo Focal com realização de um (1) encontro com professores tendo uma duração de 50min a 1h30min. A pesquisa será submetida a apreciação ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Desde já agradecemos pela disponibilidade de parceria

**Lauriane dos Santos Moreira**

Profa. Orientadora

**Cristina D'ornellas Filipakis**

Coordenadora Adjunta de Psicologia do CEULP/ULBRA

## APÊNDICE G - Panfleto de divulgação



**ANEXOS**

## APÊNDICE H - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CENTRO UNIVERSITÁRIO  
LUTERANO DE PALMAS -  
ULBRA



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** DIVERSIDADE SEXUAL EM CONTEÚDOS ACADÊMICOS NO ENSINO MÉDIO NA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO DE PALMAS - TO

**Pesquisador:** Lauriane dos Santos Moreira

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 83732318.9.0000.5516

**Instituição Proponente:** Centro Universitário Lutero de Palmas - ULBRA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.561.527

**Apresentação do Projeto:**

De acordo com o pesquisador: "O presente trabalho discute a diversidade sexual em conteúdos acadêmicos no ensino médio da rede pública de educação de Palmas – TO. Diante disso, serão discutidos conceitos relacionados com a temática da diversidade sexual, apresentando alguns aspectos, como: psicologia, sexualidade e educação; adolescência no contemporâneo; ensino em escolas públicas e diversidade sexual. A diversidade sexual compreende diferentes formas do indivíduo em expressão da sexualidade, na atualidade esse tema é manifestado por comportamentos preconceituosos em suas diversas esferas. A desinformação e a ausência de representações que abrange a diversidade, oportuniza de maneira negativa a instauração de práticas preconceituosas, que segregam as diferenças dentro e fora do contexto escolar. Essa pesquisa pretende levantar legislações que norteiam o ensino da diversidade sexual no ensino médio, assim como, analisar se o currículo da instituição a ser pesquisada prevê esse ensino, e compreender a partir da realização de um grupo focal, como o assunto da diversidade sexual é trabalhado com professores do ensino médio na rede estadual de educação de Palmas – TO. Dessa forma, o método do grupo focal consistirá na discussão focada em tópicos específicos e diretivos conforme o objetivo da pesquisa. Participarão educadores heterogêneos de primeiro a terceiro ano do ensino médio da cidade de Palmas-TO, que trabalham na instituição pelo menos há seis meses. Como resultado, pretende-se identificar os desafios enfrentados pelos professores em relação a educação sexual, assim como, verificar quais as metodologias adotadas para trabalhar

Endereço: Avenida Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541  
Bairro: Plano Diretor Sul CEP: 77.019-000  
UF: TO Município: PALMAS  
Telefone: (83)3219-8078 Fax: (83)3219-8005 E-mail: etica@ceulp.edu.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
LUTERANO DE PALMAS -  
ULBRA**



Continuação do Parecer: 2.561.527

conteúdos relacionados a educação sexual, bem como identificar se a instituição oferece capacitação continuada para que os professores sintam-se confiantes para ministrarem aulas relacionadas a diversidade sexual e promover discussões envolvendo a instituição e a sociedade sobre a importância de abordar a diversidade sexual no âmbito escolar de 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.”

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Compreender como a diversidade sexual é abordada em séries do ensino médio na rede pública de educação de Palmas – TO, a partir de grupo focal com os educadores.

Objetivo Secundário:

- Levantar legislações que norteiam o ensino da diversidade sexual no ensino médio;
- Analisar se o currículo da instituição a ser pesquisada prevê o ensino da diversidade sexual;
- Compreender, a partir de um grupo focal, como o assunto da diversidade sexual é trabalhado com professores do ensino médio na rede estadual de educação de Palmas – TO.
- Discutir os dados levantados à luz da psicologia.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com o pesquisador:

“Riscos: Os riscos podem acontecer nas dimensões psíquicas e culturais dos docentes participantes do grupo. Os conteúdos trabalhados pela estrutura do grupo focal e pelo tema podem causar certa ansiedade e um possível constrangimento. Porém caso ocorra algum desses problemas o Núcleo de Atendimento a Comunidade, que faz parte do Ceulp-Ulbra oferecerá os serviços de psicologia para auxílio psicológico e demais aspectos que forem necessários. As identidades dos professores serão preservadas respeitando a ética tal qual expresso na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS nº 466/12 e suas complementares, assim como atender os requisitos da Norma Operacional da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP nº 001/13, especialmente, no que se refere à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.”

“Benefícios: Os benefícios podem ser relacionados aos aspectos morais, sociais e culturais dos professores que participaram da pesquisa, tais como: maior conhecimento sobre a função de abordar conteúdos relacionados à diversidade sexual, a fim de proporcionar melhorias nas relações do aluno dentro e fora do contexto escolar facilitando o processo de aceitação, empatia e

**Endereço:** Avenida Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541  
**Bairro:** Plano Diretor Sul **CEP:** 77.019-900  
**UF:** TO **Município:** PALMAS  
**Telefone:** (63)3219-8076 **Fax:** (63)3219-8005 **E-mail:** etica@ceulp.edu.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
LUTERANO DE PALMAS -  
ULBRA**



Continuação do Parecer: 2.561.527

respeito das diferenças.”

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O Projeto de pesquisa está muito claro em todos os seus objetivos e procedimentos. Deseja-se sucesso ao orientando e ao orientar.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE – Atende os requisitos

FOLHA DE ROSTO – Atende os requisitos

CRONOGRAMA – Atende os requisitos

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR – Atende os requisitos

ORÇAMENTO – Atende os requisitos

TCLE – não possui óbices éticos

**Recomendações:**

Recomenda-se a continuação do Projeto de Pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não possui óbices éticos.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1080278.pdf	12/03/2018 10:03:03		Aceito
Outros	CartadeComeca.o.pdf	12/03/2018 09:42:01	JERCIVANIA CRUZ SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	NOVO_TCLE_Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido.pdf	12/03/2018 09:37:41	JERCIVANIA CRUZ SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	launiane2320001.pdf	26/02/2018 18:49:34	JERCIVANIA CRUZ SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.pdf	26/02/2018 18:48:06	JERCIVANIA CRUZ SANTOS	Aceito

**Endereço:** Avenida Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541

**Bairro:** Plano Diretor Sul **CEP:** 77.019-900

**UF:** TO **Município:** PALMAS

**Telefone:** (63)3219-8076 **Fax:** (63)3219-8005 **E-mail:** etica@ceulp.edu.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO  
LUTERANO DE PALMAS -  
ULBRA**



Continuação do Parecer: 2.561.527

Cronograma	Cronograma.pdf	26/02/2018 18:47:25	JERCIVANIA CRUZ SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_Responsavel.pdf	21/02/2018 23:00:50	JERCIVANIA CRUZ SANTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_da_instituicao.pdf	21/02/2018 23:00:13	JERCIVANIA CRUZ SANTOS	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	21/02/2018 22:51:03	JERCIVANIA CRUZ SANTOS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PALMAS, 23 de Março de 2018

---

**Assinado por:  
Fernando Rodrigues Peixoto Quaresma  
(Coordenador)**

**Endereço:** Avenida Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541  
**Bairro:** Plano Diretor Sul **CEP:** 77.019-900  
**UF:** TO **Município:** PALMAS  
**Telefone:** (63)3219-8076 **Fax:** (63)3219-8005 **E-mail:** etica@ceulp.edu.br